Pe. Raniero Cantalamessa, OFMCap

Primeira pregação Quaresma 2018

"Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo”

(Rm 12, 2)

*(Tradução ao português: Thácio Siqueira,* [*www.umminutocommaria.com*](http://www.umminutocommaria.com)*)*

"Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito." (Rom 12, 2).

Numa sociedade em que todos se sentem investidos da tarefa de transformar o mundo e a Igreja, cai esta palavra de Deus que nos convida a transformar-nos a nós mesmos. . "Não vos conformeis com este mundo”: depois dessas palavras, esperávamos ouvir: "mas transformai-o!"; Em vez disso, se diz: “mas transformai-vos!”. Transformar, sim, o mundo, mas o mundo que está dentro de vós, antes de pensar em transformar o mundo que está fora de vós.

Será esta palavra de Deus, tirada da Carta aos Romanos, que nos introduzirá este ano no espírito da Quaresma. Como fazemos há alguns anos, dedicamos a primeira meditação a uma introdução geral à Quaresma, sem entrar no tema específico do programa, até mesmo por causa da ausência de parte do auditório envolvido nos Exercícios Espirituais.

1. Os cristãos e o mundo

Em primeiro lugar, vejamos como esse ideal de desapego do mundo foi compreendido e vivido desde o Evangelho até nossos dias. É sempre útil ter em conta experiências passadas se quisermos entender as necessidades do presente.

Nos evangelhos sinóticos, a palavra "mundo" (*kosmos*) é quase sempre compreendida num sentido moralmente neutro. Tomado no sentido *espacial*, mundo indica a terra e o universo ("ide ao mundo inteiro"), tomado em um sentido *temporal*, indica o tempo ou o “século” (*aion*) presente. É com Paulo e ainda mais com João que a palavra "mundo", é preenchida com um valor *moral* e significa, na maioria das vezes, o mundo depois do pecado e sob o domínio de Satanás, “o deus deste mundo” (2 Cor 4, 4). Daí a exortação de Paulo da qual nós partimos e, aquela, quase idêntica, de João na sua Primeira Carta:

"Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida - não procede do Pai, mas do mundo."(1 Jo 2, 15-16).

Essas coisas não nos fazem perder de vista que o mundo em si mesmo, apesar de tudo, é e permanece, a boa realidade criada por Deus, que Deus ama e que veio para salvar, não para julgar: "Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16).

A atitude em relação ao mundo que Jesus propõe a seus discípulos encerra-se em duas preposições: estar *no* mundo, mas não ser *do* mundo: “Já não estou no mundo – diz dirigindo-se ao Pai – ; eles, pelo contrário, ainda estão *no* mundo [...]. Eles não são *do* mundo, como também eu não sou *do* mundo" (Jo 17,11. 16).

Nos primeiros três séculos, os discípulos estão bem cientes de sua posição única. A *Carta a Diogneto*, um escrito anônimo do final do segundo século, descreve dessa forma o sentimento que os cristãos tinham de si mesmos no mundo:

"Os cristãos não diferem do resto dos homens nem pelo território, nem pela língua, nem pelos hábitos de vida. De fato, não moram em cidades particulares, não usam de uma linguagem estranha, não levam um tipo de vida especial [...]. Moram tanto na cidade grega como na bárbara, como acontece, e apesar de iguais nas roupas, na comida e no resto da vida segundo os costumes do lugar, se propõem uma forma de vida maravilhosa e, segundo todos, paradoxal. Cada um mora na própria pátria, mas como forasteiros; participam de todas as atividades de bons cidadãos e aceitam todos os encargos como convidados passageiros. Toda terra estrangeira é uma pátria para eles, enquanto toda pátria é, para eles, terra estrangeira. Como todos, se casam e têm filhos, mas não expõem seus filhos. Eles têm em comum a mesa, mas não a cama. Vivem na carne, mas não segundo a carne"[[1]](#footnote-1).

Façamos um breve resumo da história. Quando o cristianismo se torna tolerado e depois, em seguida, religião protegida e favorecida, a tensão entre o cristianismo e o mundo tende, inevitavelmente, a diminuir, porque o mundo se tornou, ou pelo menos, é considerado "um mundo cristão". Ocorre, assim, um duplo fenômeno. De uma parte, grupos de cristãos desejosos de permanecerem o sal da terra e não perderem o sabor, fogem, também fisicamente, do mundo e se retiram no deserto. Nasce o monaquismo sob a bandeira do monge Arsênio: “Fuge, tace, quiesce”, “Fuja, cale, viva retirado[[2]](#footnote-2)”

Ao mesmo tempo, os pastores da Igreja e os espíritos mais iluminados tentam adaptar o ideal de desapego do mundo a todos os crentes, propondo uma fuga não-material, mas espiritual, do mundo. São Basílio no Oriente e Santo Agostinho no Ocidente conhecem o pensamento de Platão, especialmente na versão ascética que ele havia tomado com o discípulo Plotino. Neste ambiente cultural, estava vivo o ideal da fuga do mundo. Mas era uma fuga, por assim dizer, vertical, não horizontal, para cima, não para o deserto. Consiste em elevar-se por acima da multiplicidade das coisas materiais e das paixões humanas, para unir-se ao que é divino, incorruptível e eterno.

Os Padres da Igreja - os Capadócios em primeiro lugar - propõem uma ascética cristã que responde a essa exigência religiosa e adota a sua linguagem, sem, contudo, sacrificar os valores próprios do Evangelho. Para começar, a fuga do mundo inculcada por eles é trabalho da Graça mais do que esforço humano. O ato fundamental não está no final do caminho, mas no seu começo, no batismo. Portanto, não é reservada a poucos cultos, mas aberta a todos. Santo Ambrósio escreverá um breve tratado “Sobre a fuga do mundo”, dirigindo-o a todos os neófitos[[3]](#footnote-3). A separação do mundo que ele propõe é sobretudo *afetiva*: “A fuga – diz – não consiste no abandonar a terra, mas, permanecendo na terra, em observar a justiça e a sobriedade, em renunciar aos vícios e não ao uso dos alimentos” [[4]](#footnote-4).

Este ideal de desapego e de fuga do mundo acompanhará, em formas diferentes, toda a história da espiritualidade cristã. Uma oração da liturgia resume-o no lema: "*terrena despicere et amare caelestia*", "desprezar as coisas da terra e amar as do céu".

2. A crise do ideal da "fuga mundi"

As coisas mudaram nos tempos próximos a nós. Atravessamos, referindo-nos ao ideal da separação do mundo, uma fase “crítica”, ou seja, um período no qual tal ideal foi “criticada” e olhada com suspeita. Tal crise tem raízes remotas. Começa – pelo menos a nível teórico – com o humanismo renascentista que traz de volta o interesse e o entusiasmo, às vezes de um tipo pagão, pelos valores mundanos. Mas o fator determinante da crise deve ser visto no fenômeno da chamada "secularização", iniciada com o Iluminismo e que atingiu seu pico no século XX.

A mudança mais evidente se refere precisamente ao conceito de mundo ou de século. Ao longo da história da espiritualidade cristã, a palavra *saeculum* teve uma conotação tendencialmente negativa, ou, pelo menos, ambígua. Indicava o tempo presente sujeito ao pecado, em oposição ao século futuro ou à eternidade. Dentro de algumas poucas décadas, isso mudou até assumir nos anos 60 e 70 um significado netamente positivo. Alguns títulos de livros publicados naqueles anos, como The Secular Meaning of the Gospel (*O significado secular do Evangelho)* de Paul van Buren e The Secular City (*A cidade secular)* of Harvey Cox, destacam, por si só, esse novo, otimista significado de "século" e de "secular". Nasce uma “teologia da secularização”.

Tudo isso contribuiu, no entanto, para alimentar em algumas pessoas um otimismo exagerado em relação ao mundo, que não leva em conta o seu outro rosto: o de estar “submetido ao maligno” e se opor ao espírito de Cristo (cf. Jo 14, 17). Em um certo momento, percebeu-se que o ideal tradicional de fuga do "mundo" havia sido substituído, na mente de muitos (também entre clérigos e religiosos), pelo ideal de uma fuga "para" o mundo, isto é uma mundanização.

Neste contexto, escreveram-se algumas das coisas mais absurdas e delirantes que jamais tinham sido escritas sob o nome de "teologia". A primeira delas é a idéia de que o próprio Deus se seculariza e se mundaniza, quando se anula como Deus para fazer-se homem. Estamos na, assim chamada, “Teologia da morte de Deus”. Existe também uma saudável teologia da secularização que não é vista como algo oposto ao Evangelho, mas sim como um produto dele. Não é, no entanto, essa, a teologia de que estamos falando.

Alguém apontou que as "teologias da secularização" mencionadas eram somente uma tentativa apologética que pretendia “fornecer uma justificação ideológica da indiferença religiosa do homem moderno”; era também “a ideologia da qual a Igreja tinha necessidade para justificar a sua crescente marginalização[[5]](#footnote-5)". Logo ficou claro que havíamos entrado em um beco sem saída; em poucos anos, quase não se falou mais sobre a teologia da secularização e alguns dos seus promotores se distanciaram dela.

Como sempre, tocar o fundo de uma crise é uma oportunidade para voltar a questionar a palavra de Deus "viva e eterna". Então, vamos ouvir novamente a exortação de Paulo: "Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito."

Nós já sabemos qual é, para o Novo Testamento, o mundo ao qual não devemos conformar-nos: não o mundo criado e amado por Deus, não os homens do mundo aos quais sempre devemos ir ao encontro, especialmente os pobres, os últimos, os sofredores. O “misturar-se” com este mundo do sofrimento e da marginalização é, paradoxalmente, o melhor modo de “separar-se” do mundo, porque é ir lá onde o mundo foge com todas as suas forças. É separar-se do próprio princípio que governa o mundo, que é o egoísmo.

Reflitamos um pouco, em vez disso, no significado do seguinte: transformar-se renovando a intimidade da nossa mente. Tudo em nós começa da mente, do pensamento. Existe um sábio ditado que diz:

Vigie os pensamentos porque se tornam palavras.

Vigie as palavras porque se tornam ações.

Vigie as ações porque se tornam hábitos.

Vigie os hábitos porque se tornam o seu caráter.

Vigie o seu caráter porque se torna o seu destino.

Antes que nas obras, a mudança deve acontecer, portanto, no modo de pensar, ou seja, na fé. Na origem da mundanização existem muitas causas, mas a principal é a crise de fé. Neste sentido, a exortação do Apóstolo somente retoma aquela de Cristo no começo do seu Evangelho: “Convertei-vos e crede”, convertei-vos, ou seja, crede! Mude o modo de pensar; pare de pensar ‘segundo os homens” e passe a pensar “segundo Deus” (Mt 16, 23). Tinha razão santo Tomás de Aquino ao dizer que “a primeira conversão acontece acreditando”: *prima conversio fit per fidem*[[6]](#footnote-6).

A fé é o principal campo de batalha entre o cristão e o mundo. É pela fé que o cristão não é mais “do” mundo. Quando leio as conclusões que tiram os cientistas ateus da observação do universo, a visão do mundo que nos dão escritores e cineastas, onde, na melhor das hipóteses, Deus é reduzido a um vago e subjetivo senso do mistério e Jesus Cristo não é nem sequer levado em consideração, sinto que pertenço, graças à fé, a um outro mundo. Experimento a verdade daquelas palavras de Jesus: "Bem-aventurados os olhos que vêem o que vocês vêem" e fico surpreso ao constatar como Jesus previu essa situação e deu uma explicação antecipada: “Escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10, 21-23).

Compreendido em um sentido moral, o “mundo” é por definição o que se recusa a acreditar. O pecado, do qual Jesus disse que o Paráclito “convencerá o mundo”, é de não ter acreditado nele (cf. Jo 16, 8-9). João escreve: "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5, 4). Na Carta aos Efésios, lemos: "E vós outros estáveis mortos por vossas faltas, pelos pecados que cometestes outrora seguindo o modo de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes." ( Ef 2, 1-2). O exegeta Heinrich Schlier fez uma análise penetrante deste "espírito do mundo" considerado por Paulo como o antagonista direto do "Espírito de Deus" (1 Cor 2, 12). Um papel decisivo desempenha nisso a opinião pública, hoje também literalmente espírito "que está no ar" porque se espalha através do éter.

"Se determina – escreve – um espírito de grande intensidade histórica, ao qual o indivíduo dificilmente pode escapar. Segue-se o espírito geral, tratando-o como óbvio. Agir ou pensar ou dizer algo contra ele é considerado insensato ou até mesmo uma injustiça ou um delito. Então não se ousa mais pôr-se diante das coisas e das situações e especialmente da vida de modo diverso de como ele as apresenta... A sua característica é de interpretar o mundo e a existência humana à sua maneira” [[7]](#footnote-7).

É o que chamamos de "adaptação ao espírito dos tempos". Ele funciona como o vampiro da lenda. O vampiro se prende às pessoas que dormem e, enquanto suga o sangue, injeta simultaneamente um líquido soporífero nelas que as faz dormir de forma ainda mais doce, de modo que se afundam cada vez mais no sono e ele pode sugar todo o sangue que deseja. O mundo, no entanto, é pior do que o vampiro, porque o vampiro não pode adormecer a presa, mas se aproxima dos que já dormem. O mundo em vez disso, primeiro, adormece as pessoas e, em seguida, suga-lhes todas as energias espirituais, injetando também uma espécie de líquido soporífero que faz o sono ainda mais doce.

O remédio nesta situação é que alguém nos grite no ouvido: "Acorde!". É o que a palavra de Deus faz em muitas ocasiões e que a liturgia da Igreja nos faz ouvir novamente pontualmente no começo da Quaresma: "Desperta, tu que dormes” (Ef 5,14); "É hora de acordar do sono!" (Rom 13, 11).

3. A figura desse mundo passa

Mas nos perguntemos por que o cristão não deve se conformar com o mundo. Isso não é de natureza ontológica, mas escatológica. Não se deve distanciar do mundo porque a matéria é intrinsecamente má e hostil ao espírito, como pensavam os platônicos e alguns Padres influenciados por eles, mas porque, como diz a Escritura, “a figura desse mundo passa” (1 Cor 7, 31); "O mundo passa com as suas concupiscências, mas quem cumpre a vontade de Deus permanece eternamente." (1 Jo 2, 17).

Basta parar por um momento e olhar em volta para ver a verdade dessas palavras. Isso acontece na vida como na tela da televisão: os programas, as chamadas grades de programação, sucedem-se rapidamente e cada uma cancela a anterior. A tela permanece a mesma, mas os programas e as imagens mudam. Assim acontece conosco: o mundo permanece, mas nós partimos um depois do outro. De todos os nomes, os rostos, as notícias que enchem os jornais e telejornais de hoje – de todos nós – o que permanecerá daqui a alguns anos ou década? Nada de nada.

Pensemos sobre o que resta dos mitos de 40 anos atrás e o que permanecerá daqui a 40 anos dos mitos e celebridades de hoje. "Isso acontecerá – lê-se em Isaías - tal como acontece com o esfomeado que sonha estar comendo e desperta com o estômago vazio, tal como o sequioso que sonha estar bebendo e acorda fatigado pela sede" (Is 29,8). O que são riquezas, saúde, glória, se não um sonho que desaparece ao despontar da aurora? Eis que um pobre, dizia Santo Agostinho, uma noite teve um lindo sonho. Sonha que recebeu uma enorme herança. No sonho se vê coberto de lindas roupas, cercado de ouro e prata, possuidor de campos e vinhas; no seu orgulho despreza o própro pai e finge não reconhecê-lo... Mas, acorda pela manhã e se vê do mesmo jeito que havia dormido[[8]](#footnote-8).

"Nu, saí do ventre da minha mãe, e nu vou voltar", diz Jó (Jó 1, 21). O mesmo acontecerá com os bilionários de hoje com seu dinheiro e com os poderosos de hoje que fazem o mundo tremer com o seu poder. O homem, visto fora da fé, é apenas “um desenho criado pela onda na praia do mar cuja onda sucessiva o apaga”.

Hoje existe um novo campo em que é particularmente necessário não se conformar com este mundo: as imagens. Os antigos tinham inventado o lema: "Jejuar do mundo” (*nesteuein tou kosmou*) [[9]](#footnote-9); hoje isso deve ser entendido no sentido de jejuar das imagens do mundo. Uma vez era considerado mais eficaz o jejum dos alimentos e das bebidas. Não é mais assim. Hoje se jejua por muitas outras razões: especialmente para manter a linha. Nenhum alimento, diz a Escritura, é impuro, enquanto muitas imagens são. Elas se tornaram um dos veículos privilegiados com o qual o mundo difunde o seu antievangelho. Um hino da Quaresma exorta:

*Utamur ergo parcius*

Usemos parcamente

*Verbis, cibis et potibus,*

de palavras, comida e bebida,

*Somno, iocis et arctius*

de sono e de entretenimentos.

*Perstemus in custodia.*

Estejamos mais vigilantes em proteger os sentidos.

Para a lista de coisas a serem utilizadas com moderação - palavras, alimentos, bebidas e sono – dever-se-ia adicionar as imagens. Entre as coisas que vêm do mundo e não do Pai, ao lado da concupiscência da carne e da soberba da vida, São João coloca significativamente “a concupiscência dos olhos" (1 Jo 2, 16). Lembremos como o rei David caiu ... O que aconteceu com ele olhando para o terraço da casa ao lado, acontece hoje, muitas vezes, abrindo certos sites na internet.

Se em algum momento nos sentimos perturbados por imagens impuras, tanto por imprudência própria, quanto por intromissão do mundo que derrama à força as suas imagens nos olhos das pessoas, imitemos o que fizeram no deserto os hebreus que haviam sido mordidos pelas serpentes. Em vez de se perder em arrependimentos estéreis, ou procurar desculpas na nossa solidão e na incompreensão dos outros, olhemos para um Crucifixo ou vamos diante do Santíssimo. “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna” (Jo 3, 14-15). Que o remédio passe por onde passou o veneno, ou seja, pelos olhos.

Com estes propósitos sugeridos pela palavra de São Paulo aos Romanos, e especialmente com a graça de Deus, iniciemos, Veneráveis padres, irmãos e irmãs, a nossa preparação para a Santa Páscoa. Fazer a Páscoa, dizia Santo Agostinho, significa “passar deste mundo ao Pai” (Jo 13, 1), ou seja, passar ao que não passa! É necessário passar *do* mundo para não passar *com* o mundo. Boa e santa Quaresma.

Pe. Raniero Cantalamessa

Segunda Pregação de Quaresma 2018

“QUE VOSSA CARIDADE NÃO SEJA FINGIDA”

O amor cristão

1. Indo às fontes da santidade cristã

Juntamente com a chamada universal à santidade, o Concílio Vaticano II também deu indicações precisas sobre o que se entende por santidade, no que consiste. Na *Lumen gentium* se lê:

" Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a santidade de vida, de que Ele é autor e consumador, a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição: «sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt. 5,48) (121). A todos enviou o Espírito Santo, que os move interiormente a amarem a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito e com todas as forças (cfr. Mc. 12,30) e a amarem-se uns aos outros como Cristo os amou (cfr. Jo. 13,34; 15,12). Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam."(LG 40).

Tudo isso está resumido na fórmula: "a santidade é a união perfeita com Cristo" (LG, 50). Esta visão reflete a preocupação geral do Concílio de voltar às fontes bíblicas e patrísticas, superando, também neste campo, a postura escolástica dominante durante séculos. Agora é uma questão de tomar consciência dessa renovada visão de santidade e fazê-la passar na prática da Igreja, isto é, na pregação, na catequese, na formação espiritual dos candidatos ao sacerdócio e à vida religiosa e - por que não? - também na visão teológica que inspira a prática da Congregação dos Santos[[10]](#footnote-10).

Uma das principais diferenças entre a visão bíblica da santidade e a da escolástica reside no fato de que as virtudes não se fundamentam tanto na "reta razão" (a *recta ratio* aristotélica), mas no Querigma; ser santo não significa seguir a razão (muitas vezes, é o contrário!), mas seguir a Cristo. A santidade cristã é essencialmente cristológica: consiste na imitação de Cristo e, no seu cume - como diz o Concílio - na "perfeita união com Cristo".

A síntese bíblica mais completa e mais compacta de uma santidade fundada no Querigma é aquela descrita por São Paulo na parte parenética da Carta aos Romanos (capítulos 12-15). No início, o Apóstolo dá uma visão resumida do caminho de santificação do crente, do seu conteúdo essencial e do seu propósito:

"Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito" (Rm 12,1-2).

Na última pregação, nós meditamos estes versículos. Nas próximas meditações, partindo do que se segue no texto paulino e completando-o com o que o Apóstolo diz em outro lugar sobre o mesmo argumento, tentaremos destacar os traços salientes da santidade, aqueles que hoje são chamados de "virtudes cristãs" e que o Novo Testamento define como os "frutos do Espírito", as "obras da luz", ou também "os sentimentos que estavam em Cristo Jesus" (Fl 2, 5).

A partir do capítulo 12 da Carta aos Romanos, todas as principais virtudes cristãs, ou frutos do Espírito, estão listadas: o serviço, a caridade, a humildade, a obediência, a pureza. Não como virtudes a serem cultivadas por si mesmo, mas como necessárias consequências da obra de Cristo e do batismo. A seção começa com uma conjunção que por si só vale um tratado: “Vos exorto, portanto...”. Aquele "portanto" significa que tudo o que o Apóstolo dirá desse momento em diante é a consequência do que escreveu nos capítulos precedentes sobre a fé em Cristo e sobre a obra do Espírito. Refletiremos sobre quatro destas virtudes: caridade, humildade, obediência e pureza, começando com a primeira.

2. Um amor sincero

O Ágape, ou caridade cristã, não é uma das virtudes, nem sequer a primeira; é a forma de todas as virtudes, da qual "dependem todas as leis e os profetas" (Mt 22, 40; Rom 13,10). Entre os frutos do Espírito que o Apóstolo lista em Gálatas 5, 22, em primeiro lugar, encontramos o amor: "O fruto do Espírito é amor, alegria, paz...". E é com isso que, de forma coerente, também começa a parênese sobre as virtudes na Carta aos Romanos. Todo o capítulo doze é uma sucessão de exortações à caridade:

"Que vossa caridade não seja fingida [...]; amai-vos mutuamente com afeição terna e fraternal. Adiantai-vos em honrar uns aos outros..." (Rm 12, 9 ss).

Para entender a alma que unifica todas essas recomendações, a ideia básica, ou melhor, o "sentimento" que Paulo tem da caridade deve começar daquela palavra inicial: "Que vossa caridade não seja fingida!” Esta não é uma das muitas exortações, mas a matriz a partir da qual derivam todas as demais. Contém o segredo da caridade.

O termo original usado por São Paulo e que é traduzido como "sem fingimentos", é *anhypòkritos*, isto é, sem hipocrisia. Esta palavra é uma espécie de lâmpada-piloto; na verdade, é um termo raro que encontramos empregado, no Novo Testamento, quase que exclusivamente para definir o amor cristão. A expressão "amor sincero" (*anhypòkritos*) retorna novamente em 2 Cor 6, 6 e 1 Pd 1, 22. Este último texto permite compreender, com toda a certeza, o significado do termo em questão, porque o explica com uma perífrase; o amor sincero – diz – consiste em amar-se intensamente “com coração verdadeiro”.

São Paulo, então, com aquela simples afirmação: "a caridade seja sem fingimento!", leva o discurso à própria raiz da caridade, ao coração. O que se requer do amor é que seja verdadeiro, autêntico, não fingido. Também nisso o Apóstolo é o eco fiel do pensamento de Jesus; ele, de fato, havia indicado, repetidamente e com força, o coração, como o "lugar" no qual se decide o valor do que o homem faz" (Mt 15, 19).

Podemos falar de uma intuição paulina em relação à caridade; consiste em revelar, por trás do universo visível e externo da caridade, feito de obras e de palavras, outro universo todo interior, que é, em relação ao primeiro, o que é a alma para o corpo. Reencontramos essa intuição no outro grande texto sobre a caridade, que é 1 Cor 13. O que São Paulo diz ali, observando bem, se refere inteiramente a esta caridade interior, às disposições e sentimentos de caridade: a caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não se irrita, tudo desculpa, tudo crê, tudo espera... Nada que diga respeito, por si e diretamente, ao *fazer* o bem, ou as obras de caridade, mas tudo é reconduzido à raiz do *querer* bem. A benevolência vem antes da beneficência.

É o próprio Apóstolo que faz explícita a diferença entre as duas esferas da caridade, dizendo que o maior ato de caridade externa (distribuir aos pobres todas as próprias coisas) não beneficiaria em nada, sem a caridade interior (cf. 1 Cor 13,3). Seria o oposto da caridade "sincera". A caridade hipócrita, de fato, é precisamente aquela que faz o bem, sem querer bem, que mostra externamente uma coisa que não encontra uma correspondência no coração. Neste caso, há uma aparência de caridade, que pode, no máximo, esconder egoísmo, a busca de si mesmo, instrumentalização do irmão, ou também simplesmente o remorso de consciência.

Seria um erro fatal contrapor a caridade do coração à caridade dos fatos, ou se refugiar na caridade interior, para encontrar nela uma espécie de álibi perante a falta de caridade factual. Sabemos com que vigor a palavra de Jesus (Mt 25), de São Tiago (2, 16 s) e de São João (1 Jo 3, 18) encorajam à caridade dos fatos. Sabemos a importância que São Paulo mesmo deu às coletas a favor dos pobres de Jerusalém.

Além disso, dizer que, sem a caridade, "não ganho nada” inclusive dando tudo aos pobres, não significa dizer que tal atitude não sirva para ninguém e que seja inútil; significa, pelo contrário, dizer que não serve “para mim”, enquanto que pode servir para o pobre que a recebe. Não se trata, portanto, de atenuar a importância das obras de caridade, mas de garantir-lhes um fundamento seguro contra o egoísmo e os seus infinitos truques. São Paulo quer que os cristãos estejam “enraizados e fundamentados na caridade” (Ef 3, 17), ou seja, que a caridade seja a raiz e o fundamento de tudo.

Quando amamos "de coração", é o próprio amor de Deus "derramado em nossos corações pelo Espírito Santo" (Rm 5, 5) que passa por nós. A ação humana é verdadeiramente deificada. Tornar-se "participantes da *natureza* divina" (2 Pd 1, 4) significa, de fato, tornar-se participantes da *ação* divina, da ação divina de amar, dado que Deus é amor!

Nós amamos os homens não só porque Deus os ama, ou porque Ele quer que os amemos, mas porque, ao nos dar o seu Espírito, Ele colocou em nossos corações seu próprio amor por eles. Isso explica por que o apóstolo afirma imediatamente depois: "A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco; porque aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a lei." (Rm 13, 8).

Por que, nos perguntamos, uma "dívida"? Porque recebemos uma medida infinita de amor para ser distribuído, a seu tempo, entre os irmãos (cf Lc 12, 42, Mt 24, 45 s.). Se não o fizermos, retiramos do irmão algo que lhe é devido. O irmão que aparece à sua porta, talvez peça algo que você não lhe pode dar; mas se você não pode dar-lhe o que ele pede, preste atenção para não manda-lo embora sem aquilo que lhe é devido, ou seja, o amor.

3. Caridade com os de fora

Depois de nos ter explicado o que é a verdadeira caridade cristã, o Apóstolo, na sequência da sua parênese, mostra como esse "amor sincero" deve ser traduzido em ação nas situações de vida da comunidade. O Apóstolo destaca duas situações: a primeira diz respeito às relações *ad extra* da comunidade, ou seja, com os de fora; a segunda, as relações *ad intra,* entre os membros da própria comunidade. Vamos ouvir algumas das suas recomendações referentes à primeira relação, aquela com o mundo exterior:

"Abençoai os que vos perseguem; abençoai-os, e não os praguejeis [...] Aplicai-vos a fazer o bem diante de todos os homens. Se for possível, quanto depender de vós, vivei em paz com todos os homens. Não vos vingueis uns aos outros, caríssimos, mas deixai agir a ira de Deus [...] Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber [...]Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem." (Rm 12, 17-21).

Nunca antes, como neste ponto, a moral do evangelho parece original e diferente de qualquer outro modelo ético, e nunca a parênese apostólica parece mais fiel e em continuidade com a do Evangelho. O que torna tudo isso particularmente atual para nós é a situação e o contexto em que esta exortação é dirigida aos que creem. A comunidade cristã de Roma é um corpo estranho em um organismo que - na medida em que toma consciência de sua presença - rejeita-o. É uma pequena ilha no mar hostil da sociedade pagã. Em circunstâncias como esta, sabemos quão forte é a tentação de se fechar, desenvolvendo o sentimento elitista e sombrio de uma minoria de salvos em um mundo de perdidos. Com este sentimento vivia, naquele mesmo momento histórico, a comunidade essênia de Qumran.

A situação da comunidade de Roma descrita por Paulo representa, em miniatura, a situação atual de toda a Igreja. Não falo das perseguições e do martírio ao qual nossos irmãos de fé são expostos em muitas partes do mundo; falo da hostilidade, da recusa e muitas vezes do profundo desprezo com que não só os cristãos, mas todos os crentes em Deus são vistos em vastos estratos da sociedade, geralmente os mais influentes e que determinam o sentimento comum. Eles são considerados precisamente como corpos estranhos em uma sociedade evoluída e emancipada.

A exortação de Paulo não nos permite perder um único momento em recriminações acrimoniosas e em polêmicas estéreis. Naturalmente, não se exclui o fato de dar razão da esperança que está em nós "com gentileza e respeito", como recomendava São Pedro (1 Pd 3, 15-16). É uma questão de entender qual atitude do coração deve ser cultivada com relação a uma humanidade que, como um todo, rejeita Cristo e vive nas trevas e não na luz (cf. Jo 3,19). Tal atitude é aquela de uma profunda compaixão e tristeza espiritual, de amá-los e sofrer por eles; carregar seus fardos perante Deus, como Jesus carregou nossos fardos perante o Pai, e não deixar de parar de chorar e orar pelo mundo. Este é um dos mais belos traços da santidade de alguns monges ortodoxos. Penso em São Silvano do Monte Athos. Ele dizia:

"Há homens que desejam a seus inimigos e aos inimigos da Igreja a ruína e os tormentos do fogo da condenação. Eles pensam assim porque não foram instruídos pelo Espírito Santo no amor de Deus. Aquele que, pelo contrário, realmente aprendeu derrama lágrimas por todo o mundo. Você diz: ‘É mau e deve queimar no fogo do inferno’. Mas, eu lhe pergunto: ‘Se Deus desse a você um lindo lugar no paraíso e de lá você visse queimar nas chamas aquele que você desejou tal fim, possivelmente, nem então, você sentiria compaixão por ele, quem quer que ele tivesse sido, mesmo se inimigo da Igreja[[11]](#footnote-11)”

Na época deste santo monge, os inimigos eram principalmente os bolcheviques que perseguiam a Igreja da sua amada pátria, a Rússia. Hoje, a frente alargou-se e não existe "cortina de ferro" a esse respeito. Na medida em que um cristão descobre a infinita beleza, o amor e a humildade de Cristo, não pode deixar de sentir uma profunda compaixão e sofrimento por aqueles que voluntariamente se privam do maior bem da vida. O amor torna-se mais forte nele do que qualquer ressentimento. Em uma situação semelhante, Paulo diz que está disposto a ser ele mesmo "anátema, separado de Cristo", se isso pudesse servir para ser aceito por aqueles do seu povo que permaneceram fora (Rm 9, 3).

4. A caridade ad intra

O segundo grande campo de exercício da caridade é, se dizia, as relações dentro da comunidade. Na prática: como gerenciar os conflitos de opiniões que emergem entre seus vários componentes. Sobre este tema, o Apóstolo dedica todo o capítulo 14 da Carta.

O conflito que ocorria então na comunidade romana era entre aqueles que o Apóstolo chama de "os fracos" e aqueles que chama de "os fortes", entre os quais ele se coloca ("Nós, que somos os fortes ...") (Rm 15,1). Os primeiros eram aqueles que se sentiam moralmente obrigados a observar determinadas prescrições herdadas da lei ou de crenças pagãs anteriores, como não comer carne (com suspeita de que tinha sido sacrificada aos ídolos) e o distinguir os dias em felizes e infelizes. Os segundos, os fortes, eram aqueles que, em nome da liberdade cristã, tinham superado estes tabus e não distinguiam comida de comida ou dia de dia. A conclusão do discurso (cf. Rm 15, 7-12) deixa claro que, no fundo, há o usual problema da relação entre os crentes provenientes do judaísmo e os crentes provenientes dos gentios.

As exigências da caridade que o Apóstolo inculca neste caso nos interessam no mais alto grau porque são as mesmas que se impõem em cada tipo de conflito intereclesial, inclusive aqueles que vivemos hoje, tanto a nível de Igreja universal quanto na comunidade em que cada um mora.

Os critérios que o Apóstolo sugere são três. O primeiro é seguir a própria consciência. Se alguém está convencido de cometer pecado fazendo certa coisa, não deve fazê-la. “Tudo isso, de fato, que não vem da consciência - escreve o Apóstolo - é pecado" (Rm 14, 23). O segundo critério é respeitar a consciência dos outros e abster-se de julgar o irmão:

 “Por que julgas, então, o teu irmão? Ou por que desprezas o teu irmão? [...]"Deixemos, pois, de nos julgar uns aos outros; antes, cuidai em não pôr um tropeço diante do vosso irmão ou dar-lhe ocasião de queda." (Rm 14, 10.13).

O terceiro critério diz respeito principalmente aos "fortes" e é de evitar o escândalo:

"Sei, estou convencido no Senhor Jesus de que nenhuma coisa é impura em si mesma; somente o é para quem a considera impura. Ora, se por uma questão de comida entristeces o teu irmão, já não vives segundo a caridade. Pela comida não causes a perdição daquele por quem Cristo morreu! [...] Portanto, apliquemo-nos ao que contribui para a paz e para a mútua edificação." (Rm 14, 14-19).

Todos esses critérios são, no entanto, particulares e relativos, em comparação com outro que, pelo contrário, é universal e absoluto, o do senhorio de Cristo. Ouçamos como o Apóstolo o formula:

"Quem distingue o dia, age assim pelo Senhor. Quem come de tudo, o faz pelo Senhor, porque dá graças a Deus. E quem não come, abstém-se pelo Senhor, e igualmente dá graças a Deus. Nenhum de nós vive para si, e ninguém morre para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor. Para isso é que morreu Cristo e retomou a vida, para ser o Senhor tanto dos mortos como dos vivos." (Rm 14, 6-9).

Cada um é convidado a examinar-se a si mesmo para ver o que há no fundo da própria escolha: se há o senhorio de Cristo, a sua glória, o seu interesse, ou não, pelo contrário, mais ou menos dissimuladamente, a própria afirmação, o próprio “eu” e o próprio poder; se a sua escolha é de natureza verdadeiramente espiritual e evangélica, ou se não depende pelo contrário da própria inclinação psicológica, ou, pior, da própria opção política. Isso vale em um e no outro sentido, ou seja, tanto para os assim chamados fortes quanto para os assim chamados fracos; tanto, diremos nós hoje, para aqueles que estão do lado da liberdade e da novidade do Espírito, quanto para aqueles que estão do lado da continuidade e da tradição.

Há uma coisa que deve ser levada em consideração para não ver, na atitude de Paulo sobre esse assunto, uma certa inconsistência em relação ao seu ensino anterior. Na Carta aos Gálatas, ele parece muito menos disposto ao compromisso e negociações, por vezes, encolerizado. (Se ele tivesse que se submeter ao processo de canonização hoje, Paulo, dificilmente, se tornaria santo: teria sido difícil demonstrar a "heroicidade" de sua paciência! Ele às vezes "explode", mas podia dizer: "Não sou mais eu quem vivo, Cristo vive em mim "(Gal 2,20), e essa, nós vimos, é a essência da santidade cristã).

Na Carta aos Gálatas, Paulo censura Pedro pelo que ele parece recomendar a todos, ou seja, abster-se de mostrar sua convicção para não escandalizar os simples. Na verdade, em Antioquia, Pedro estava convencido de que comer com os gentios não contaminasse um judeu (já havia estado na casa de Cornélio!), mas se abstém de fazê-lo para não causar escândalo aos judeus presentes (cf. Gal 2, 11-14). O próprio Paulo, em outras circunstâncias, agirá da mesma maneira (veja At 16, 3; 1 Cor 8, 13).

A explicação não está naturalmente apenas no temperamento de Paulo. Em primeiro lugar, o que estava em jogo em Antioquia era muito mais claramente ligado à fé e à liberdade do Evangelho do que parecia ser em Roma. Em segundo lugar - e este é o principal motivo - para os Gálatas Paulo fala como fundador da Igreja, com a autoridade e a responsabilidade do pastor; para os Romanos, fala como mestre e irmão na fé: para contribuir, diz ele, à edificação comum (ver Rm 1, 11-12). Há uma diferença entre o papel do pastor ao qual é devida a obediência e o do mestre ao qual somente se deve respeito e escuta. Isso nos faz entender que aos critérios de discernimento mencionados deve-se acrescentar outro, do qual não se demorará para se tomar consciência com o desenvolvimento da comunidade cristã, ou seja, o critério da autoridade e da obediência.

Enquanto isso, ouçamos como dirigida à Igreja de hoje a exortação conclusiva que o Apóstolo dirigia à comunidade de então: "Por isso, acolhei-vos uns aos outros, como Cristo nos acolheu para a glória de Deus." (Rm 15,7).

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

(Tradução ao português: Thácio Siqueira, [Associação Marie de Nazareth](https://www.mariedenazareth.com/br/um-minuto-com-maria/))

Pe. Raniero Cantalamessa

Terceira pregação de Quaresma

"Não façam de si próprios uma opinião maior do que convém”

A humildade cristã

A exortação à caridade que recolhemos da boca do Apóstolo, na meditação anterior, está encerrada entre duas breves exortações à humildade que se recordam de forma proeminente entre si, de modo a formar uma espécie de marco para o discurso sobre a caridade. Lidas uma atrás da outra, omitindo o que está no meio, as duas exortações soam assim:

"Não façam de si próprios uma opinião maior do que convém, mas um conceito razoavelmente modesto [...] Não aspirem a coisas muito elevadas, mas curvem-se perante às humildes. Não tenham uma ideia muito alta de vocês mesmos” (Rm 12, 3.16).

Não é uma questão de pequenas recomendações à moderação e à modéstia; através destas poucas palavras, a parênese apostólica nos abre diante de todo o vasto horizonte da humildade. Ao lado da caridade, São Paulo encontra na humildade o segundo valor fundamental, a segunda direção em que se deve trabalhar para renovar, no Espírito, a própria vida e construir a comunidade.

Nunca, como neste campo, as virtudes cristãs nos aparecem como um fazer próprios "os sentimentos que estavam em Cristo Jesus". Ele, recorda em outro lugar o Apóstolo, embora sendo de natureza divina, "se humilhou fazendo-se obediente até a morte" (Fl 2, 5-8) e aos próprios discípulos, ele disse: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29). Podemos falar da humildade de diferentes pontos de vista, como veremos que o Apóstolo fará, mas em seu significado mais profundo, a humildade é apenas a de Cristo. É verdadeiramente humilde quem se esforça para ter o coração de Cristo.

1. A humildade como sobriedade

Na parênese da Carta aos Romanos, São Paulo aplica à vida da comunidade cristã o ensinamento bíblico tradicional sobre a humildade que é constantemente expressada através da metáfora espacial do “elevar-se” e do “abaixar-se”, do tender ao alto e do tender ao baixo. Pode-se “aspirar a coisas muito altas” ou com a própria *inteligência*, com um questionamento imoderado que não leva em consideração a própria limitação frente ao mistério, ou com a *vontade*, aspirando a posições e cargos de prestígio. O Apóstolo tem em mente ambas possibilidades e, em qualquer caso, as suas palavras combatem tanto uma quanto outra coisa: tanto a *presunção* da mente, quanto a *ambição* da vontade.

Ao transmitir, no entanto, o ensinamento bíblico tradicional sobre a humildade, São Paulo dá uma motivação parcialmente nova e original dessa virtude. No Antigo Testamento, o motivo ou a razão que justifica a humildade é que Deus "rejeita os soberbos e dá sua graça aos humildes" (cf. Pr 3, 34; Jo 22, 29), que ele "vê os humildes e conhece os soberbos de longe” (Sl 137, 6). Não se dizia, no entanto - pelo menos explicitamente – por que Deus faz isso, isto é, por que "eleva os humildes e abaixa os soberbos”. A este fato, podemos dar explicações diferentes: por exemplo, o ciúme ou "inveja de Deus" (*sphonos Theou*), como pensavam alguns escritores gregos, ou simplesmente a vontade divina de punir a arrogância humana, a *hybris*.

O conceito decisivo que São Paulo introduz no discurso da humildade é o conceito de verdade. Deus ama o humilde porque o humilde está na verdade; é um homem verdadeiro, autêntico. Ele castiga a soberba, porque a soberba, antes mesmo de ser arrogância, é mentira. De fato, tudo aquilo que, no homem, não é humildade é mentira.

Isso explica por que os filósofos gregos, que também conheceram e louvaram quase todas as outras virtudes, não conheceram a humildade. A palavra humildade (*tapeinosis*) sempre manteve, com eles, um significado predominantemente negativo de abaixamento, de mesquinhez, de pedanteria, de pusilanimidade. Os filósofos gregos ignoravam as duas pedras angulares que permitem associar entre si a humildade e a verdade: a idéia de *criação* e a ideia bíblica de *pecado*. A ideia de criação fundamenta a certeza de que tudo o que é bom e bonito no homem vem de Deus, nada excluído; a ideia bíblica de pecado fundamenta a certeza de que tudo o que é mau, no sentido moral, no homem, vem de sua liberdade, de si mesmo. O homem bíblico é levado à humildade tanto pelo bem quanto pelo mau que descobre em si mesmo.

Mas vamos ao pensamento do Apóstolo. A palavra usada por ele no nosso texto para indicar a humildade-verdade é a palavra *sobriedade* ou sabedoria. Ele exorta os cristãos a não terem uma ideia errada e exagerada de si mesmos, mas sim uma avaliação justa, sóbria, de si, quase podemos dizer objetiva. Na retomada da exortação, no versículo 16, o "ter uma ideia sóbria de si”, encontra o seu equivalente na expressão “tender às coisas humildes”. Com isso, ele diz que o homem é sábio quando é humilde e que é humilde quando é sábio.

Abaixando-se, o homem se aproxima da verdade. “Deus é luz”, diz São João (1 Jo 1, 5), é verdade, e não pode encontrar o homem, a não ser na verdade. Ele dá a sua graça aos humildes porque só o humilde é capaz de reconhecer a graça; não diz: "o meu braço, ou a minha mente, fez isso!" (cf Dt 8, 17; Is 10, 13). Santa Teresa d’Ávila escreveu: "Perguntava-me um dia por que o Senhor ama tanto a humildade e de repente pensei, sem qualquer reflexão minha, que isso deve ser porque ele é a suprema Verdade e a humildade é a verdade"[[12]](#footnote-12).

2. Que possuis que não tenhas recebido?

O Apóstolo não nos deixa agora no vago ou na superfície, a respeito desta verdade sobre nós mesmos. Algumas de suas frases lapidárias, contidas em outras cartas, mas pertencentes a essa mesma ordem de ideias, têm o poder de derrubar nossos “pontos de apoio” e fazer-nos aprofundar na descoberta da verdade.

Uma dessas frases diz: "O que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?" (1 Cor 4, 7). Há somente uma coisa que não recebi, que é totalmente e somente minha, e é o pecado. Isso eu sei e sinto que vem de mim, que encontra a sua fonte em mim, ou, de qualquer maneira, no homem e no mundo, não em Deus, enquanto todo o resto - incluindo o fato de reconhecer que o pecado vem de mim - é de Deus. Outra frase diz: "Se alguém pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana a si mesmo” (Gl 6, 3).

A "justa avaliação" de si mesmos é, portanto, essa: reconhecer o nosso nada! Este é aquele terreno sólido, ao qual tende a humildade! A pérola preciosa é precisamente a sincera e pacífica persuasão de que, por nós mesmos, não somos nada, não podemos pensar nada, não podemos fazer nada. Sem mim, nada podeis “fazer”, diz Jesus (Jo 15, 5) e o Apóstolo acrescenta: "Não que por nós mesmos sejamos capazes de *pensar* algo...” (2 Cor 3, 5). Nós podemos, ocasionalmente, usar uma ou outra dessas palavras para cortar uma tentação, um pensamento, uma complacência, como uma verdadeira "espada do Espírito": "Que possuis que não tenhas recebido?”. A eficácia da palavra de Deus se experimenta sobretudo neste caso: quando se usa sobre si mesmo, mais do que quando se usa nos outros.

Deste modo, estamos começando a descobrir a verdadeira natureza do nosso nada, que não é um nada puro e simples, uma "ninharia inocente”. Vislumbramos o objetivo final ao qual a palavra de Deus nos quer conduzir, que é de reconhecer o que verdadeiramente somos: um *nada soberbo!* Eu sou aquele alguém que "acredita que é algo", enquanto sou nada; eu sou aquele que não tem nada que não tenha recebido, mas que sempre se vangloria – ou é tentado a fazê-lo – por algo, como se não o tivesse recebido!

Esta não é uma situação de alguns, mas uma miséria de todos. É a própria definição do homem velho: um nada que acredita ser algo, um nada soberbo. O próprio Apóstolo confessa o que descobria, quando ele mesmo descia ao fundo de seu coração: "Descubro em mim mesmo – dizia – uma outra lei..., descubro que o pecado habita em mim ... Sou um miserável! Quem me livrará?"(Cf. Rm 7, 14-25). Aquela "outra lei", o "pecado que habita em nós" é, para São Paulo, como sabemos, antes de mais nada, a autoglorificação, o orgulho, o vangloriar-se de si mesmo.

Ao final da nossa jornada de descida, portanto, não descobrimos a humildade em nós, mas a soberba. Mas, precisamente esse descobrir que somos radicalmente soberbos e que o somos por nossa culpa, não de Deus, porque nos tornamos assim ao fazer mau uso da nossa liberdade, precisamente isso é a humildade, porque isso é a verdade. Ter descoberto esse horizonte, ou somente tê-lo vislumbrado de longe, através da palavra de Deus, é uma graça grande. Dá uma paz nova. Como quem, em tempo de guerra, descobriu que possui em sua própria casa, sem sequer ter de sair, um refúgio seguro contra os bombardeios, absolutamente inatingível.

Uma grande mestra espiritual – Santa Angela de Foligno –, perto da morte, exclamou: "Oh, nada desconhecido, oh nada desconhecido! A alma não pode ter uma visão melhor neste mundo do que contemplar seu próprio nada e viver nele como em uma cela de prisão". A própria Santa exortava os seus filhos espirituais a fazer o possível para retornarem àquela cela, imediatamente depois de terem saído, por qualquer motivo. Devemos fazer como certos animais cautelosos que não se distanciam de suas tocas, para poderem entrar rápido, no primeiro sinal de perigo.

Há um grande segredo escondido neste conselho, uma verdade misteriosa que se conhece experimentando. Descobre-se, então, que existe realmente esta cela e que é possível entrar realmente toda vez que se queira. Ela consiste na sensação tranquila e de quietude de ser um nada, e um nada soberbo. Quando se está dentro da cela desta prisão, não se vêem mais os defeitos do próximo, ou são vistos com um outro prisma. Compreende-se que é possível, com a graça e com o exercício, realizar o que diz o Apóstolo e que parece, a primeira vista, excessivo, ou seja, “considerar todos os demais superiores a si mesmo” (cf. Fl 2, 3) ou pelo menos entende-se como é que isso foi possível aos santos.

Certamente, fechar-se naquela prisão não é fechar-se sobre si mesmos; é, em vez disso, abrir-se aos outros, ao ser, à objetividade das coisas. O oposto do que os inimigos da humildade cristã sempre pensaram. É fechar-se *ao* egoísmo, não *no* egoísmo. É a vitória sobre um dos males que também a moderna psicologia julga ser fatal para a pessoa humana: o narcisismo.

Naquela cela, além disso, não penetra o inimigo. Um dia, Antonio o Grande teve uma visão; viu, num instante, todos os laços infinitos do inimigo espalhados pela terra e disse gemendo: “Quem poderá, então, evitar todos esses laços?” e ouviu uma voz lhe responder: "A humildade![[13]](#footnote-13)".

O Evangelho nos apresenta um modelo insuperável dessa humildade-verdade, e é Maria. Deus – canta Maria no *Magnificat* – "olhou a humildade da sua serva" (Lc 1, 48). Mas o que a Virgem entende aqui por “humildade”? Não a *virtude* da humildade, mas a sua *condição* humilde ou, no máximo, a sua pertença à categoria dos humildes e dos pobres mencionados na continuação do cântico. Isto é confirmado pela referência explícita ao cântico de Anna, a mãe de Samuel, onde a mesma palavra usada por Maria (*tapeinosis*) significa claramente miséria, esterilidade, condição humilde, não sentimento de humildade.

Mas a coisa é clara em si mesma. Como podemos pensar que Maria exalta a sua humildade, sem, por esse fato, destruir a humildade de Maria? Como podemos pensar que Maria atribua à sua humildade a escolha de Deus, sem, com isso, destruir a gratuidade desta escolha e tornar a vida inteira de Maria incompreensível a partir de sua imaculada conceição? Para sublinhar a importância da humildade, alguém escreveu com cautela que Maria "não se vangloria de nenhuma outra virtude a não ser de sua humildade", como se, dessa forma, se fizesse uma grande honra, e não, pelo contrário, um grande erro, a essa virtude. A virtude da humildade tem um status muito especial: tem-na aquele que pensa não tê-la, não a tem aquele que pensa tê-la. Somente Jesus pode declarar-se "humilde de coração" e verdadeiramente sê-lo; esta é a característica única e irrepetível da humildade do homem-deus.

Maria, portanto, não tinha a *virtude* da humildade? Claro que a tinha e em grau supremo, mas isso só Deus sabia, ela não. Precisamente isso, de fato, constitui o mérito incomparável da verdadeira humildade: que o seu perfume é sentido apenas por Deus, e não por aquele que o emana. A alma de Maria, livre de toda real e pecaminosa luxúria, diante da situação nova criada pela sua maternidade divina, foi levada, com toda rapidez e naturalidade, ao seu ponto de verdade – ao seu nada – e de lá nada nem ninguém pode mais movê-la.

Nisto, a humildade da Mãe de Deus mostra-se um prodígio único da graça. Ela arrancou de Lutero esse elogio: "Embora Maria tenha recebido em si aquela grande obra de Deus, teve e manteve um tal sentimento de si a ponto de não elevar-se acima do menor homem da terra [...]. Aqui se celebra o espírito de Maria maravilhosamente puro, que, enquanto se lhe faz uma tamanha honra, não se deixa levar pela tentação, mas como se nada visse, permanece no caminho certo”[[14]](#footnote-14).

A sobriedade de Maria está acima de qualquer comparação, mesmo entre os santos. Ela levantou a tremenda tensão desse pensamento: "Tu es a mãe do Messias, a mãe de Deus! Tu es aquilo que toda mulher do teu povo teria gostado de ser!". "A que devo a mãe do meu Senhor vir a mim?", exclamava Izabel, e ela responde: "Ele olhou para a pequenez de sua serva!". Ela aprofundou em seu nada e “elevou”somente Deus, dizendo: "Minha alma engradece o Senhor". O Senhor, não a serva. Maria é verdadeiramente a obra-prima da graça divina.

3. Humildade e humilhação

Não devemos nos iludir de ter alcançado a humildade apenas porque a Palavra de Deus e o exemplo de Maria nos levou a descobrir o nosso nada. Podemos ver em que ponto estamos na humildade, quando a iniciativa passa de nós para os demais, ou seja, quando não somos mais nós a reconhecer os nossos defeitos e erros, mas são os demais que o fazem; quando não somos somente capazes de dizer-nos a verdade, mas também de deixar que no-la digam, de bom grado, os demais. Se vê, em outras palavras, nas reprovações, nas correções, nas críticas e nas humilhações. "Muitas vezes é muito útil preservar-nos na humildade - diz o autor da Imitação de Cristo - que outros conheçam e repreendam os nossos defeitos” [[15]](#footnote-15).

Pretender matar o próprio orgulho atacando-o sozinho, sem que ninguém intervenha de fora, é como usar o próprio braço para castigar-se: nunca se machucará realmente. É como querer tirar um tumor sozinho. Existem pessoas (e eu certamente estou entre elas) que são capazes de dizer de si – e também sinceramente – todo o mal possível e imaginável; pessoas que, durante uma liturgia penitencial, fazem auto-acusações com uma franqueza e coragem admiráveis, mas assim que alguém ao seu redor apenas sugere levar suas confissões a sério, ou ousa acrescentar algo, saem faíscas. Evidentemente, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a verdadeira humildade e a humilde verdade.

Quando tento receber a glória de um homem por algo que digo ou faço, é quase certo que aquele mesmo homem procura receber glória de mim pelo que ele diz ou faz em resposta. E assim acontece que cada um busca a própria glória e ninguém a obtém e se, por acaso, a obtém, não passa de “vanglória”, ou seja, glória vazia, destinada a dissolver-se em fumaça com a morte. Mas o efeito é igualmente terrível; Jesus atribuia à busca da própria glória, inclusive, a impossibilidade de crer. Dizia aos fariseus: "Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5, 44).

Quando nos encontremos envolvidos em ideias e aspirações de glória humana, joguemos na mistura desses pensamentos, como uma tocha acesa, a palavra que o próprio Jesus usou e que nos deixou: "Não procuro a minha glória” (Jo 8, 50). Ela tem o poder quase sacramental de realizar o que significa, de dissipar tais pensamentos.

A humildade é uma luta que dura toda a vida e se estende a todos os aspectos da vida. O orgulho é capaz de alimentar-se tanto do mal quanto do bem e de sobreviver, portanto, em todas as situações e em todos os "climas". Na verdade, ao contrário do que acontece em todos os outros vícios, o bem, e não o mal, é o terreno de cultivo preferido para este terrível "vírus".

"A vaidade tem raízes tão profundas no coração do homem que um soldado, um servo de milícias, um cozinheiro, um porteiro, se orgulha e pretende ter os seus admiradores e os próprios filósofos querem isso. E aqueles que escrevem contra a vanglória aspiram ao júbilo de ter escrito bem, e aqueles que os lêem se vangloriam de tê-los lido; eu, que escrevo isso, talvez nutra o mesmo desejo e talvez até aqueles que me lêem"[[16]](#footnote-16).

A vaidade é capaz de transformar em ato de orgulho o nosso próprio desejo de tender à humildade. Mas com a graça, nós podemos sair vencedores também desta terrível batalha. Se, de fato, o seu homem velho consegue transformar em atos de orgulho o seus próprios atos de humildade, com a graça, transforma em atos de humildade também os seus atos de orgulho, reconhecendo-os. Reconhecendo, humildemente, que você é um nada soberbo. Assim, Deus também é glorificado pelo nosso próprio orgulho.

Nesta batalha, Deus geralmente vem em socorro dos seus, com um remédio eficaz e único. Escreve São Paulo: “Já que essas revelações eram extraordinárias, para eu não me encher de soberba, foi-me dado um aguilhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar – a fim de que não me encha de soberba.” (2 Cor 12, 7).

Para que o homem “não se encha de soberba”, Deus o fixa no chão com uma espécie de âncora; coloca “peso em nossos rins” (cf. Sl 66, 11). Nós não sabemos exatamente o que era esse "espinho na carne" e este "enviado de Satanás" para Paulo, mas sabemos bem o que é para nós! Cada um que quer seguir o Senhor e servir a Igreja o tem. São situações humilhantes que nos recordam constantemente, às vezes de noite e de dia, a dura realidade daquilo que somos. Pode ser um defeito, uma doença, uma fraqueza, uma impotência, que o Senhor nos deixa, apesar de todas as súplicas. Uma tentação persistente e humilhante, talvez apenas uma tentação de soberba! Uma pessoa com quem alguém é forçado a viver e que, apesar da retidão de ambas as partes, tem o poder de expor nossa fragilidade, de demolir a nossa presunção.

Às vezes, trata-se de algo ainda mais pesado: são situações em que o servo de Deus é forçado a assistir impotente ao fracasso de todos os seus esforços e a coisas muito maiores do que ele, que o fazem tocar com as mãos a sua impotência diante do poder do mal e das trevas. É aqui especialmente que ele aprende o que quer dizer “humilhar-se sob a potente mão de Deus” (ver 1 Pd 5, 6).

A humildade não é somente importante para o progresso pessoal no caminho da santidade; também é essencial para o bom funcionamento da vida comunitária, para a construção da Igreja. Eu digo que a humildade é o isolante na vida da Igreja. O isolante é muito importante e vital para o progresso no campo da eletricidade. Quanto maior a tensão, quanto mais poderosa a corrente elétrica que passa por um fio, mais resistente deve ser o isolamento que impede a corrente de descarregar no chão ou de causar curto-circuitos. Ao progresso no campo da eletricidade deve corresponder um progresso semelhante na técnica de isolamento. A humildade é, na vida espiritual, o grande isolante que permite que a corrente divina da graça passe através de uma pessoa sem dissipar-se, ou, pior, provocar chamas de orgulho e de rivalidade.

Terminamos com as palavras de um salmo que nos permite transformar em oração a exortação que o Apóstolo nos dirigiu com seus ensinamentos sobre humildade

"Senhor, meu coração não se enche de orgulho,

meu olhar não se levanta arrogante.

Não procuro grandezas, nem coisas superiores a mim.

Ao contrário, mantenho em calma e sossego a minha alma,

tal como uma criança no seio materno, assim está minha alma em mim mesmo. (Sl 130).

Thácio Siqueira, [Associação Marie de Nazareth](https://www.mariedenazareth.com/br/um-minuto-com-maria/)

Pe. Raniero Cantalamessa

Quarta pregação da Quaresma 2018

"CADA QUAL SEJA SUBMISSO ÀS AUTORIDADES CONSTITUÍDAS”

A obediência a Deus na vida cristã

1. O fio do alto

Ao delinear os traços, ou as virtudes, que devem resplandecer na vida dos renascidos do Espírito, depois de ter falado da caridade e da humildade, São Paulo, no capítulo 13 da Carta aos Romanos, também fala da obediência:

"Cada qual seja submisso às autoridades constituídas, porque não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus. Assim, aquele que resiste à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus" (Rm, 13, 1 ss).

O restante da passagem, que fala da espada e dos tributos, bem como a comparação com outros textos do Novo Testamento sobre o mesmo assunto (cf. Tt 3, 1; 1 Pd 2, 13-15), indicam claramente que o Apóstolo não fala aqui da autoridade em geral e de qualquer autoridade, mas apenas da autoridade civil e estatal. São Paulo trata de um aspecto particular da obediência que era particularmente sentido quando ele escrevia e, talvez, também pela comunidade à qual ele escrevia.

Era o momento em que estava amadurecendo, dentro do judaísmo palestino, a revolta zelota contra Roma que terminará, alguns anos depois, com a destruição de Jerusalém. O cristianismo nasceu do judaísmo; muitos membros da comunidade cristã, também de Roma, eram judeus convertidos. O problema de obedecer ou não ao Estado romano colocava-se, indiretamente, também para os cristãos.

A Igreja apostólica estava diante de uma escolha decisiva. São Paulo, como também todo o Novo Testamento, resolve o problema à luz da atitude e das palavras de Jesus, especialmente da palavra sobre o tributo a César (cf. Mc 12, 17). O Reino pregado por Cristo "não é deste mundo", não é, isto é, de natureza nacional e política. Pode, por conseguinte, viver sob qualquer regime político, aceitando suas vantagens (como era a cidadania romana), mas também as suas leis. O problema é, em suma, resolvido no sentido de obediência ao Estado.

A obediência ao Estado é uma conseqüência e um aspecto de uma obediência muito mais importante e abrangente que o Apóstolo chama de "obediência ao Evangelho" (cf. Rm 10, 16). A severa advertência do Apóstolo mostra que pagar impostos e, em geral, cumprir o próprio dever com a sociedade não é apenas um dever civil, mas também um dever moral. Aqueles que o transgridem não só enfrentarão o juízo do Estado, mas também o de Deus.

Tudo isso é muito atual, mas nós não podemos limitar o discurso sobre a obediência somente a este aspecto de obediência ao Estado. São Paulo nos mostra o lugar onde se coloca o discurso cristão sobre a obediência, mas não nos diz, neste único texto, tudo o que se pode dizer sobre essa virtude. Ele traça aqui as conseqüências de princípios anteriores, na mesma Carta aos Romanos e em outros lugares, e devemos buscar esses princípios para fazer um discurso sobre a obediência que seja útil e atual para nós hoje.

Devemos ir à descoberta da obediência "essencial", a partir da qual surgem todas as obediências particulares, inclusive aquela às autoridades civis. De fato, há uma obediência que diz respeito a todos - superiores e súditos, religiosos e leigos - , que é a mais importante de todas, que governa e vivifica todas as outras, e esta obediência não é a obediência do homem ao homem, mas a obediência do homem a Deus.

Depois do Concílio Vaticano II, alguém escreveu: "Se há um problema de obediência hoje, não é o da docilidade direta ao Espírito Santo - ao qual, pelo contrário, todos mostram aderir-se voluntariamente - mas sim a submissão a uma hierarquia, a uma lei e a uma autoridade humanamente expressadas". Estou convencido de que este é o caso. Mas é precisamente para tornar possível de novo esta obediência concreta à lei e à autoridade visível que devemos recomeçar da obediência a Deus e ao Seu Espírito.

A obediência a Deus é como "o fio do alto” que mantém a esplêndida teia da aranha pendurada em uma sebe. Descendo do alto por meio do fio que ela própria produz, a aranha constrói a sua teia, perfeita e tensa em cada canto. No entanto, aquele fio do alto que foi usado para construir a teia não é cortado, uma vez interrompida a obra, mas permanece. Pelo contrário, é ele que, do centro, sustenta todo o enredo; sem ele tudo colapsa. Caso se rompa um dos fios laterais (uma vez testei isso), a aranha aparece e repara velozmente a sua teia, mas uma vez cortado aquele fio do alto ela vai embora: não há mais nada a se fazer.

Algo parecido acontece com o enredo das autoridades e das obediências em uma sociedade, em uma ordem religiosa e na Igreja. Cada um de nós vive em uma espessa teia de dependências: das autoridades civis, das eclesiásticas; nestas últimas, do superior local, do bispo, da Congregação do clero ou dos religiosos, do Papa. A obediência a Deus é o fio do alto: tudo é construído sobre ela, mas ela não pode ser esquecida nem mesmo após a conclusão da construção. Pelo contrário, tudo recai sobre si mesmo e não se entende mais por que é preciso obedecer.

2. A obediência de Cristo

É relativamente simples descobrir a natureza e a origem da obediência cristã: basta ver com base em qual concepção da obediência Jesus é definido, pela Escritura, “o obediente”. Descobrimos imediatamente, desta forma, que o verdadeiro fundamento da obediência cristã não é uma ideia de obediência, mas é um ato de obediência; não é o princípio abstrato de Aristóteles segundo o qual “o inferior deve se submeter ao superior", mas é um evento; não se encontra na “reta razão”, mas no Querigma, e tal fundamento é que Cristo “se fez obediente até a morte” (Fl 2, 8); que Jesus "aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve. E uma vez chegado ao seu termo, tornou-se autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (Hb 5, 8-9).

O centro luminoso, que dá sentido a todo o discuso sobre a obediência na Carta aos Romanos, é Rm 5, 19: “Pela obediência de um só todos se tornarão justos”. Quem conhece o lugar que ocupa, na Carta aos Romanos, a justificação, pode conhecer, deste texto, o lugar que ocupa a obediência!

Procuremos conhecer a natureza daquele ato de obediência sobre o qual é fundada a nova ordem; procuremos conhecer, em outras palavras, em que consiste a obediência de Cristo. Jesus, desde criança, obedeceu aos pais; depois, quando grande, submeteu-se à lei mosaica, ao Sinédrio, a Pilatos. Mas São Paulo não pensa em nenhuma dessas obediências; pensa, pelo contrário, na obediência de Cristo ao Pai.

A obediência de Cristo é considerada a antítese exata da desobediência de Adão: "Assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornarão justos." (Rm 5, 19; cf. 1 Cor 15, 22). Mas a quem Adão desobedeceu? Certamente, não aos pais, à autoridade, às leis. Desobedeceu a Deus. Na origem de todas as desobediências há uma desobediência a Deus e na origem de todas as obediências há a obediência a Deus.

A obediência recobre toda a vida de Jesus. Se São Paulo e a Carta aos Hebreus destacam o lugar da obediência na morte de Jesus, São João e os Sinóticos completam o quadro, destacando o lugar que a obediência teve na vida de Jesus, no seu cotidiano. “Meu alimento – diz Jesus no Evangelho de João – é fazer a vontade do Pai” e “Eu faço sempre o que é do seu agrado” (Jo 4, 34; 8, 29). A vida de Jesus é guiada por uma trilha luminosa formada pelas palavras escritas para ele na Bíblia: "Está escrito ... Está escrito". Dessa forma ele vence as tentações no deserto. Jesus deduz das Escrituras o "deve-se" (*dei*) que rege toda a sua vida.

A grandeza da obediência de Jesus é medida objetivamente "pelas coisas que sofreu" e subjetivamente pelo amor e pela liberdade com que ele obedeceu. Nele, a obediência filial brilha ao mais alto grau. Também nos momentos mais extremos, como quando o Pai lhe entrega o cálice da paixão para ser bebido, em seus lábios nunca se apaga o grito filial: “Abba! Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?", exclamou na cruz (Mt 27, 46); mas ele imediatamente acrescentou, de acordo com Lucas: "Pai, em suas mãos entrego o meu Espírito" (Lc 23, 46). Na cruz, Jesus "se entregou ao Deus que o abandonava" (independente do que signifique este abandono do Pai). Esta é a obediência até a morte; esta é "a rocha da nossa salvação".

3. A obediência como graça: o batismo

No quinto capítulo da Carta aos Romanos, São Paulo nos apresenta Cristo como o arquétipo dos obedientes, em oposição a Adão que foi o arquétipo dos desobedientes. No capítulo seguinte, o sexto, o Apóstolo revela como entramos na esfera deste evento, isto é, através do batismo. Em primeiro lugar, São Paulo coloca um princípio: se você se colocar livremente sob a jurisdição de alguém, então você deve servi-lo e obedece-lo:

"Não sabeis que, quando vos ofereceis a alguém para lhe obedecer, sois escravos daquele a quem obedeceis, quer seja do pecado para a morte, quer da obediência para a justiça?" (Rm 6,16).

Agora, estabelecido o princípio, São Paulo lembra o fato: os cristãos, na realidade, colocaram-se livremente sob a jurisdição de Cristo, no dia em que, no batismo, aceitaram-no como seu Senhor: "Depois de terdes sido escravos do pecado, obedecestes de coração à regra da doutrina na qual tendes sido instruídos" (Rm 6,17). No batismo houve uma mudança de padrão, uma passagem de campo: do pecado à justiça, da desobediência à obediência, de Adão a Cristo. A liturgia expressou tudo isso, através da oposição: "Renuncio – Creio".

Portanto, para a vida cristã, a obediência é algo constitutivo; é a implicação prática e necessária da aceitação do senhorio de Cristo. Não há senhorio em ato, se não houver, por parte do homem, obediência. No batismo nós aceitamos um Senhor, um Kyrios, mas um Senhor "obediente", que se tornou Senhor precisamente por causa de Sua obediência (cf Fl 2, 8-11), cujo senhorio é, por assim dizer, eivado de obediência. A obediência aqui não é tanto sujeição, mas sim semelhança; obedecer a um tal Senhor é se assemelhar a ele, porque é precisamente por causa da sua obediência até a morte, que ele obteve o nome de Senhor que está acima de todos os outros nomes (cf Fl 2, 8-9).

Deste modo, descobrimos que a obediência, antes que virtude, é dom, antes que lei, é graça. A diferença entre as duas coisas é que a lei *diz* fazer, enquanto a graça *doa* fazer. A obediência é, acima de tudo, obra de Deus em Cristo, que depois é apontada ao crente para que, por sua vez, a expresse na vida com uma fiel imitação. Nós não temos, em outras palavras, somente o dever de obedecer, mas temos também a graça de obedecer!

A obediência cristã está enraizada, portanto, no batismo; pelo batismo todos os cristãos são "votados" à obediência, fizeram, em certo sentido, "voto". A redescoberta deste dado comum, fundado no batismo, atende uma necessidade vital dos leigos na Igreja. O Concílio Vaticano II enunciou o princípio do “chamado universal à santidade” do povo de Deus (LG, 40) e, uma vez que não há santidade sem obediência, dizer que todos os batizados são chamados à santidade é como dizer que todos são chamados à obediência, que também existe um chamado universal à obediência.

4. A obediência como "dever": a imitação de Cristo

Na primeira parte da Carta aos Romanos, São Paulo apresenta-nos Jesus Cristo como dom a ser acolhido com a fé, enquanto na segunda parte - a parenética – nos apresenta Cristo como modelo a ser imitado com a vida. Estes dois aspectos da salvação também estão presentes dentro das virtudes individuais ou frutos do Espírito. Em toda virtude cristã, há um elemento misterioso e um elemento ascético, uma parte confiada à graça e uma parte confiada à liberdade. Agora chegou o momento de considerar este segundo aspecto, ou seja, a nossa imitação real da obediência de Cristo. A obediência como dever.

Assim que tentamos encontrar, através do Novo Testamento, em que consiste o dever da obediência, fazemos uma descoberta surpreendente, a saber, que a obediência é quase sempre vista como obediência a Deus. Fala-se, certamente, também de todas as outras formas de obediência: aos pais, aos chefes, aos superiores, às autoridades civis, “a toda instituição humana” (1 Pd 2,13), mas muito menos frequentemente e de maneira muito menos solene. O próprio substantivo "obediência" é usado sempre e apenas para indicar a obediência a Deus ou, em qualquer caso, a instâncias que estão do lado de Deus, exceto em uma única passagem da Carta a Filêmon (v. 21), onde indica a obediência ao Apóstolo.

São Paulo fala de obediência à *fé* (Rm 1, 5; 16, 26), de obediência ao *ensinamento* (Rm 6,17), de obediência ao *Evangelho* (Rm 10, 16; 2 Ts 1, 8), de obediência à *Verdade* (Gl 5, 7), de obediência a *Cristo* (2 Cor 10, 5). Encontramos a mesma linguagem também em outros lugares no Novo Testamento (cf. At 6, 7; 1 Pd 1, 2. 22).

Mas é possível e faz sentido falar hoje de obediência a Deus, depois que a nova e viva vontade de Deus, manifestada em Cristo, foi completamente expressa e objetivada em toda uma série de leis e hierarquias? É lícito pensar que existam ainda, depois de tudo isso, “livres” vontades de Deus para serem recolhidas e cumpridas? Sim, sem dúvida! Se a viva vontade de Deus pudesse ser fechada e objetivada plena e definitivamente em uma série de leis, normas e instituições, em uma "ordem" estabelecida e definida de uma vez por todas, a Igreja acabaria ficando petrificada.

A redescoberta da importância da obediência a Deus é uma conseqüência natural da redescoberta da dimensão pneumática - ao lado da dimensão hierárquica - da Igreja e do primado, nela, da Palavra de Deus. A obediência a Deus, em outras palavras, é concebível apenas quando se afirma, como faz o Concílio Vaticano II, que o Espírito Santo "guia a Igreja a toda a verdade, a unifica na comunhão e no ministério, a instrui e a orienta com diversos dons hierárquicos e carismáticos, a embeleza com seus frutos, com o poder do Evangelho rejuvenesce a Igreja, renova-a continuamente e a leva a uma união perfeita com o seu esposo" (LG, 40).

Somente se acreditarmos em um "Senhorio" atual e pontual do Ressuscitado sobre a Igreja, somente se estamos convencidos, no íntimo, que até hoje - como diz o Salmo - "fala o Senhor, Deus dos deuses, e não está silencioso" (Sl 50, 1), só então pode-se entender a necessidade e a importância da obediência a Deus. Essa é um prestar ouvidos ao Deus que fala, na Igreja, através do seu Espírito, o qual ilumina as palavras de Jesus e de toda a Bíblia e lhe dá autoridade, tornando-os canais da viva e atual vontade de Deus para nós.

Mas, como na Igreja instituição e mistério não são opostos, mas unidos, então agora devemos mostrar que a obediência espiritual a Deus não distrai da obediência à autoridade visível e institucional, mas, pelo contrário, renova-a, fortalece-a e vivifica-a, até o ponto em que a obediência aos homens se torna o critério para julgar se existe, e se é autêntica, a obediência a Deus. Acontece exatamente como para a caridade. O primeiro mandamento é amar a Deus, mas o seu banco de prova é amar o próximo. “Quem não ama o próprio irmão que vê - escreve São João - , como pode amar a Deus que não vê?" (1 Jo 4, 20). O mesmo deve ser dito da obediência: se você não obedecer ao superior que vê, como pode dizer obedecer a Deus, que não vê?

A obediência a Deus geralmente acontece dessa maneira. Deus faz com que sua vontade brilhe em seu coração; é uma "inspiração" que geralmente nasce de uma palavra de Deus ouvida ou lida em oração. Você se sente "chamado" por aquela palavra ou por aquela inspiração; sente que ela lhe “pede” algo novo e você diz “sim”. Caso se trate de uma decisão que terá consequências práticas, você não pode agir apenas com base em sua inspiração. Você deve depositar seu chamado nas mãos dos superiores ou daqueles que têm, de alguma forma, uma autoridade espiritual sobre você, acreditando que, se é de Deus, ele a fará reconhecer pelos seus representantes.

Mas o que fazer quando há um conflito entre as duas obediências e o superior humano pede para fazer algo diferente ou oposto ao que você acha que é pedido por Deus? Basta perguntar-se o que Jesus fez neste caso. Ele aceitou a obediência externa e se sujeitou aos homens, mas, ao fazê-lo assim, não negou, mas realizou a obediência ao Pai. Precisamente isso, de fato, o Pai queria. Sem saber e sem querer - às vezes de boa fé, às vezes não -, os homens, como aconteceu então, para Caifás, Pilatos e as multidões, tornam-se instrumentos para se cumprir a vontade de Deus, e não a deles.

Mesmo essa regra não é, no entanto, absoluta. A vontade de Deus e a sua liberdade podem exigir do homem – como acontece para Pedro diante da injunção do Sinédrio – que ele obedeça a Deus, em vez de aos homens (cf At 4, 19-20). Mas quem se depara neste caminho deve aceitar, como qualquer verdadeiro profeta de morrer para si mesmo (e, muitas vezes, também fisicamente), antes de ver sua palavra realizada. Na Igreja Católica, a verdadeira profecia sempre foi acompanhada pela obediência ao papa. Pe. Primo Mazzolari e Pe. Lorenzo Milani são alguns exemplos recentes.

Obedecer apenas quando o que o superior diz corresponde exatamente às nossas idéias e às nossas escolhas, não é obedecer a Deus, mas a nós mesmos; não é fazer a vontade de Deus, mas a própria vontade. Se, no caso de disparidade, em vez de se auto-questionar, se coloca o superior em dúvida, o seu discernimento e sua competência, não somos mais obedientes, mas objetores.

5. Uma obediência aberta sempre e a todos

A obediência a Deus é a obediência que sempre podemos fazer. De obediências a ordens e autoridades visíveis, acontece apenas ocasionalmente, três ou quatro vezes na vida, falando de obediências de uma certa seriedade. De obediências a Deus, no entanto, há muitas. Quanto mais alguém obedece, mais as ordens de Deus se multiplicam, porque ele sabe que este é o dom mais lindo que pode fazer, aquele que fez ao seu amado Filho Jesus. Quando Deus encontra uma alma determinada a obedecer, então ele toma pela mão a sua vida, como se pega o leme de um barco, ou como se pega as rédeas de um carro. Ele se torna realmente, e não só na teoria, “Senhor”, ou seja, aquele que “rege”, que “governa” determinando, pode-se dizer, momento a momento, os gestos, as palavras daquela pessoa, o seu modo de usar o tempo, tudo.

Eu disse que a obediência a Deus é algo que sempre pode ser feito. Devo acrescentar que é também a obediência que todos podemos fazer, tanto súditos quanto superiores. É costume dizer que é preciso saber obedecer para poder comandar. Não é apenas um princípio de bom senso; há uma razão teológica nisso. Significa que a verdadeira fonte da autoridade espiritual reside mais na obediência do que no título ou cargo que se cobre. Conceber a autoridade como obediência significa não se contentar com a mera autoridade, mas também aspirar àquela autoridade que vem do fato de que Deus está por trás de você e apoia a sua decisão. Significa aproximar-se daquele tipo de autoridade que emanava da ação de Cristo e exortava as pessoas a se perguntarem maravilhadas: "O que é isso? Uma nova doutrina ensinada com autoridade "(Mc 1, 27).

Na verdade, é uma autoridade diferente, um poder real e eficaz, não somente nominal ou de ofício, um poder intrínseco, não extrínseco. Quando uma ordem é dada por um pai ou um superior que se esforça para viver na vontade de Deus, que orou antes e não tem interesses pessoais para defender, mas apenas o bem do irmão ou de seu filho, então a própria autoridade de Deus age como um reforço para essa ordem ou decisão. Se surgir uma disputa, Deus diz a seu representante o que ele disse um dia a Jeremias: "Eis que eu faço de você como uma fortaleza, como uma parede de bronze [...]. Eles irão guerrear com você, mas não vão vencer, porque eu estou com você "(Jr 1, 18s). Santo Inácio de Antióquia dava este sábio conselho a um de seus discípulos e colega do episcopado, São Policarpo: "Que nada se faça sem o seu consentimento, mas você não faça nada sem o consentimento de Deus[[17]](#footnote-17)”.

Este modo de obediência a Deus não tem nada de místico e extraordinário, mas está aberto a todos os batizados. Consiste em "apresentar as perguntas a Deus" (cf Ex 18, 19). Eu posso decidir sozinho fazer ou não fazer uma viagem, um emprego, uma visita, uma despesa e depois, uma vez decidido, rezar a Deus pelo sucesso do assunto. Mas se nasce em mim o amor pela obediência a Deus, então, farei diferente: primeiro perguntarei a Deus com u meio muito simples ao alcance de todos – a oração – se é a sua vontade que eu faça aquela viagem, aquele trabalho, aquela visita, aquela despesa, e depois farei, ou não farei, a coisa, mas ela já será, de qualquer forma, um ato de obediência a Deus, e não mais uma iniciativa livre minha.

Normalmente, é claro que não ouvirei, na minha breve oração, nenhuma voz e não terei nenhuma resposta explícita sobre o que fazer, ou, pelo menos, não é necessário que haja para que minha ação seja obediência. Ao atuar assim, de fato, submeti a questão a Deus, me despi da minha vontade, renunciei a decidir sozinho e dei a Deus uma possibilidade para intervir, se quiser, na minha vida. Qualquer coisa que eu decida fazer, regulando-me com os critérios comuns de discernimento, será obediência a Deus. É dessa forma que se entregam as rédeas da vida à Deus! A vontade de Deus penetra, desta forma, sempre mais no tecido de uma existência, embelezando-a e tornando-a um "sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rm 12, 1).

Também desta vez terminamos com as palavras de um salmo que nos permite transformar em oração o ensinamento que nos foi dado pelo Apóstolo. Um dia que estava cheio de alegria e de gratidão pelos benefícios de seu Deus ("Esperei, esperei no Senhor e ele se inclinou sobre mim [...]; me tirou da cova da morte..."), em um verdadeiro estado de graça, o salmista se pergunta o que pode fazer para responder tanta bondade de Deus: oferecer holocaustos, vítimas? Compreende imediatamente que isso não é o que Deus quer dele; é muito pouco para expressar o que está no coração. E eis que surge a intuição e a revelação: o que Deus deseja dele é uma decisão generosa e solene de cumprir, a partir de agora, tudo o que Deus deseja dele, de obedecê-lo em tudo. Então ele exclama:

"Eis que venho.

Sobre mim está escrito no pergaminho do livro, que eu faça a tua vontade.

Meus Deus, isso eu desejo,

a tua lei está nas profundezas do meu coração”

Entrando no mundo, Jesus fez suas estas palavras dizendo: "Eis que eu venho fazer, ó Deus, a vossa vontade" (Hb 10, 5 ss). Agora é a nossa vez. Toda a vida, dia a dia, pode ser vivida sob essas palavras: "Eis que eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade!". Na parte da manhã, ao iniciar um novo dia, depois ao ir a um compromisso, a um encontro, ao começar um novo trabalho: “Eis que venho, ó Deus, fazer a tua vontade!”

Nós não sabemos o que, naquele dia, aquele encontro, aquele trabalho nos reservará; sabemos uma coisa somente com certeza: que queremos fazer neles, a vontade de Deus. Nós não sabemos o que reserva a cada um de nós o nosso porvir; mas é lindo caminhar em direção a ele com esta palavra nos lábios: "Eis que eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade!".

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

(Tradução de Thácio Siqueira, [Associação Marie de Nazareth](https://www.mariedenazareth.com/br/um-minuto-com-maria/))

Pe. Raniero Cantalamessa

Quinta pregação da Quaresma

"USEMOS AS ARMAS DA LUZ"

A pureza cristã

Em nosso comentário à parênese da Carta aos Romanos, chegamos ao ponto em que se diz:

"A noite vai adiantada, e o dia vem chegando. Despojemo-nos das obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia: nada de orgias, nada de bebedeira; nada de desonestidades nem dissoluções; nada de contendas, nada de ciúmes. Ao contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não façais caso da carne nem lhe satisfaçais aos apetites"

 (Rm 13, 12-14).

Santo Agostinho, nas Confissões, nos diz o lugar que esta passagem teve em sua conversão. Ele já havia alcançado uma quase completa adesão à fé; as suas objeções haviam sido aniquiladas uma após a outra e a voz de Deus se tornara cada vez mais urgente. Mas havia uma coisa que o detinha: o medo de não ser capaz de viver casto. Ele vivia, como sabemos, com uma mulher sem ser casado.

Estava no jardim da casa que o abrigava, nas garras dessa luta interior e com lágrimas nos olhos, quando, de uma casa próxima, ouviu uma voz, como um menino ou menina, que repetia: "*Tolle, lege*!, Pegue, leia; pegue, leia!". Ele interpretou estas palavras como um convite de Deus e, tendo ao alcance das mãos o livro das Epístolas de São Paulo, abriu-o ao acaso, determinado a considerar como vontade de Deus a primeira frase em que seu olhar se fixasse. A palavra em que seu olhar caiu foi, de fato, aquela da Carta aos Romanos que acabamos de mencionar. Uma luz de segurança brilhou dentro dele (*lux securitatis*), o que fez desaparecer toda a escuridão da incerteza. Ele sabia agora que, com a ajuda de Deus, poderia ser casto[[18]](#footnote-18).

As coisas que o Apóstolo, naquela passagem, chama “obras das trevas” são as mesmas que em outros lugares define "desejos, ou obras, da carne" (cf. Rm 8,13; Gl 5,19) e as coisas que chama "armas da luz" são as mesmas que em outros lugares chama de "obras do Espírito", ou "frutos do Espírito" (cf. Gl 5, 22). Entre essas obras da carne é enfatizada, com dois termos (*koite* e *aselgeia*), a devassidão sexual, à qual se opõe a arma da luz que é a pureza.

O Apóstolo não se ocupa, no presente contexto, em falar desse aspecto da vida cristã; mas da lista dos vícios, colocada no início da Carta (cf. Rm 1, 26ss), sabemos quão importante era isso para os seus olhos. São Paulo estabelece uma ligação muito estreita entre pureza e santidade e entre pureza e Espírito Santo:

"Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação; que eviteis a impureza; que cada um de vós saiba possuir o seu corpo santa e honestamente, sem se deixar levar pelas paixões desregradas, como os pagãos que não conhecem a Deus; e que ninguém, nesta matéria, oprima nem defraude a seu irmão, porque o Senhor faz justiça de todas estas coisas, como já antes vo-lo temos dito e asseverado. Pois Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade. Por conseguinte, desprezar estes preceitos é desprezar não a um homem, mas a Deus, que nos deu o seu Espírito Santo." (1 Ts 4, 3-8)

Por isso, procuremos reunir esta última "exortação" da palavra de Deus, aprofundando o fruto do Espírito que é a pureza.

1. As motivações cristãs da pureza

Na Carta aos Gálatas, São Paulo escreve: "O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio" (Gl 5, 22). O termo grego original, que traduzimos com "autodomínio” é *enkrateia* e tem uma gama muito ampla de significados; pode-se exercer, de fato, o domínio de si no comer, no falar, no controle da ira, etc. Aqui, porém, como nos demais, quase sempre no Novo Testamento, isso significa o domínio de si em uma esfera bem precisa da pessoa, ou seja, no âmbito da sexualidade. Deduzimos isso do fato de que, pouco acima, elencando as “obras da carne”, o Apóstolo chama *porneia* , ou seja, impureza, aquilo que se opõe ao domínio de si (é o mesmo termo do qual deriva “pornografia”!).

Nas traduções modernas da Bíblia, o termo *porneia* é traduzido ora como prostituição, ora como impureza, ora como fornicação ou adultério, e ora como outros vocábulos. A ideia de fundo, contida no termo é, todavia, aquela de “vender-se”, de alienar o próprio corpo, portanto, de prostituir-se (*pernemi,* em grego, significa “me vendo”). Usando este termo para indicar quase todas as manifestações de desordem sexual, a Bíblia diz que todo pecado de impureza é, em certo sentido, um prostituir-se, um vender-se.

Os termos usados ​​por São Paulo nos dizem, portanto, que são possíveis, com relação ao nosso próprio corpo e a própria sexualidade, duas atitudes opostas, uma atitude do Espírito e a outra obra da carne; uma, virtude e a outra vício. A primeira atitude é conservar o controle de si e do próprio corpo; a segunda é, pelo contrário, vender ou alienar o próprio corpo, ou seja, dispor da sexualidade à vontade, para fins utilitaristas e diversos daqueles para os quais foi criada; um transformar o ato sexual em um ato venal, mesmo que o útil em questão não seja sempre constituído pelo dinheiro, como no caso da prostituição verdadeira e real, mas também pelo prazer egoísta como um fim em si mesmo.

Quando falamos da pureza e da impureza em simples listas de virtudes ou de vícios, sem aprofundar a matéria, a linguagem do Novo Testamento não é muito diferente da linguagem dos moralistas pagãos, por exemplo, dos Estoicos. Até os moralistas pagãos exaltavam o domínio de si, mas somente em função da quietude interior, da impassividade (*apatheia*), do autodomínio; a pureza era governada, para eles, pelo princípio da "reta razão".

Na realidade, porém, dentro desses velhos vocabulários pagãos, existe um conteúdo totalmente novo que brota, como sempre, do querigma. Isso já é visível em nosso texto, onde a devassidão é contraposta, de modo muito significativo, como seu contrário, do “revestir-se do Senhor Jesus Cristo”. Os primeiros cristãos foram capazes de compreender este conteúdo novo, porque isso era objeto específico de catequese em outros contextos.

Vamos agora examinar uma dessas catequeses específicas sobre pureza, para descobrir o verdadeiro conteúdo e as verdadeiras motivações cristãs dessa virtude que derivam do evento pascal de Cristo. Trata-se do texto de 1 Cor 6, 12-20. Parece que os Coríntios - talvez deturpando uma frase do Apóstolo - alegassem o princípio: "tudo me é lícito", para justificar também os pecados da impureza. Na resposta do Apóstolo está contida uma motivação absolutamente nova da pureza que brota do mistério de Cristo. Não é lícito - diz ele – entregar-se à impureza (*porneia*), não é lícito vender-se, ou dispor de si à vontade, pelo simples fato de que nós não nos pertencemos mais, não somos nossos, mas de Cristo. Não se pode dispor do que não é nosso: "Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo [...] e que não pertenceis a vós mesmos?" (1 Cor 6, 15.19).

A motivação pagã é, em certo sentido, invertida; o valor supremo a ser salvaguardado não é mais o domínio de si, mas o “não domínio de si”. “O corpo não é para a impureza, mas para o Senhor!” (1 Cor 6, 13): a motivação última da pureza é, portanto, que “Jesus é o Senhor!”. A pureza cristã, em outras palavras, não consiste tanto em estabelecer o domínio da razão sobre os instintos, mas em estabelecer o domínio de Cristo sobre toda a pessoa, razão e instintos.

Esta motivação cristológica da pureza torna-se mais convincente com aquilo que São Paulo acrescenta no mesmo texto: não somos apenas genericamente “de” Cristo, como sua propriedade ou sua coisa; nós somos o próprio corpo de Cristo, os seus membros! Isso torna tudo imensamente mais delicado, porque significa que, ao cometer a impureza, eu prostituo o corpo de Cristo, realizo uma espécie de sacrilégio odioso; uso da "violência" ao corpo do Filho de Deus. Diz o Apóstolo: "Tomarei então os membros de Cristo e torná-los-ei membros de uma prostituta?" (1 Cor 6, 15).

A esta motivação cristológica, acrescenta-se em seguida aquela pneumatológica, isto é, relativa ao Espírito Santo: "Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós?" (1 Cor 6, 19). Abusar do próprio corpo é, portanto, profanar o templo de Deus; mas se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá (cf. 1 Cor 3, 17). Cometer impureza é "entristecer o Espírito Santo de Deus" (cf. Ef 4, 30).

Juntamente com as motivações cristológicas e pneumatológicas, o Apóstolo também menciona uma motivação escatológica, que se refere ao destino final do homem: "Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos ressuscitará" (1 Cor 6, 14). O nosso corpo está destinado à ressurreição; está destinado a participar, um dia, na bem-aventurança e na glória da alma. A pureza cristã não se baseia no desprezo do corpo, mas, ao contrário, na grande estima de sua dignidade. O Evangelho - diziam os Padres da Igreja ao combater os gnósticos - não prega a salvação "de" carne, mas a salvação "da" carne. Aqueles que consideram o corpo um "traje estrangeiro", destinado a ser abandonado aqui, não possuem os motivos que o cristão tem para mantê-lo imaculado.

O Apóstolo conclui a sua catequese sobre a pureza com o convite apaixonado: "Glorificai, pois, Deus no vosso corpo" (1 Cor 6, 20). O corpo humano é, portanto, para a glória de Deus e expressa essa glória quando a pessoa vive a própria sexualidade e toda a sua corporeidade em obediência amorosa à vontade de Deus, que é como dizer: em obediência ao próprio sentido da sexualidade, à sua natureza intrínseca e originária que não é aquela de vender-se, mas aquela de doar-se. Tal glorificação de Deus através do seu próprio corpo não exige necessariamente a renúncia ao exercício da própria sexualidade. No capítulo imediatamente seguinte, isto é, em 1 Cor 7, São Paulo explica, de fato, que tal glorificação de Deus é expressa de duas maneiras e em dois carismas diferentes: ou através do casamento, ou através da virgindade. Glorifica a Deus em seu corpo a virgem e o celibatário, mas também o glorifica quem se casa, desde que todos vivam as exigências do próprio estado.

2. Pureza, beleza e amor ao próximo

Na nova luz que emergiu do mistério pascal e ilustrada até agora por São Paulo, o ideal da pureza ocupa um lugar privilegiado em toda síntese da moral cristã do Novo Testamento. Não existe, podemos dizer, uma carta de São Paulo na qual ele não dedique um espaço, quando descreve a vida nova no Espírito (cf. por exemplo, Ef 4, 17-5, 33; Cl 3, 5 12). Este requisito fundamental de pureza é especificado, de tempos em tempos, de acordo com os diferentes estados de vida dos cristãos. As epístolas pastorais mostram como a pureza deve ser configurada em jovens, mulheres, casais, idosos, viúvas, presbíteros e bispos; nos apresentam a pureza em suas várias faces de castidade, fidelidade conjugal, sobriedade, continência, virgindade, modéstia.

No seu conjunto, este aspecto da vida cristã determina o que o Novo Testamento – de modo especial, as Epístolas pastorais – chama de “beleza” ou o caráter “belo” da vocação cristã, que, fundindo-se com outra característica, a de bondade, forma o ideal único da "boa beleza", ou da "bela bondade", o que nos levou a falar, indiferentemente, tanto de obras boas como de obras belas. A tradição cristã, chamando a pureza de “bela virtude”, recolheu esta visão bíblica, que expressa, apesar dos abusos e das ênfases muito unilaterais que também houve, algo de profundamente verdadeiro. A pureza, de fato, é beleza!

Essa pureza é um modo de vida, mais que uma única virtude. Tem uma gama de manifestações que vai além da esfera propriamente sexual. Há uma pureza do corpo, mas há também uma pureza do coração que evita não só os atos, mas também os desejos e os pensamentos “feios” (cf. Mt 5, 8.27-28). Há também uma pureza da boca que consiste, negativamente, em abster-se de palavras obscenas, de vulgaridades e futilidades (cf Ef 5, 4; Cl 3, 8) e, positivamente, na sinceridade e retidão do falar, ou seja, no dizer: “sim, sim” e “não, não”, a imitação do Cordeiro imaculado “em cuja boca não se encontrou engano” (cf. 1 Pd 2, 22). Finalmente, há uma pureza ou claridade dos olhos e do olhar. O olho – dizia Jesus – é a luz do corpo; se o olho é puro e claro, todo o corpo está na luz (cf. Mt 6, 22s; Lc 11, 34). São Paulo usa uma imagem muito sugestiva para indicar este novo estilo de vida: diz que os cristãos, nascidos pela Páscoa de Cristo, devem ser “fermento de pureza e de sinceridade” (cf. 1 Cor 5, 8). O termo usado aqui pelo Apóstolo - *eilikrinéia* - contém, por si só, a imagem de uma "transparência solar". Em nosso próprio texto, ele fala da pureza como uma "arma da luz".

Hoje em dia, tende-se a contrapor entre si os pecados contra a pureza e os pecados contra o próximo e tende-se a considerar verdadeiro pecado somente o que é feito contra o próximo; ironiza-se, às vezes, o culto excessivo concedido no passado à "bela virtude". Essa atitude, em parte, pode ser explicada; a moral havia enfatizado muito unilateralmente, no passado, os pecados da carne, até criar, por vezes, verdadeiras e reais neuroses, em detrimento aos deveres para com o próximo e em detrimento da própria virtude da pureza que foi, assim, empobrecida e reduzida a virtude quase somente negativa, a virtude de saber dizer não. Mas agora, porém, se passou ao excesso oposto e se tende a minimizar os pecados contra a pureza, privilegiando (muitas vezes somente de palavra) uma atenção ao próximo. O erro de fundo está no opor estas duas virtudes. A palavra de Deus, longe de opor pureza e caridade, liga-as intimamente uma a outra. Basta ler a continuação da passagem da Primeira Carta aos Tessalonicenses que mencionei no início, para entender como as duas coisas são interdependentes entre si segundo o Apóstolo (cf. 1 Ts 4, 3-12). O propósito único da pureza e da caridade é ser capaz de levar uma vida "cheia de decoro", isto é, íntegra em todas as suas relações, tanto em relação a si mesmos quanto em relação aos outros. No nosso texto, o Apóstolo resume tudo isso com a expressão: “comportar-se honestamente como em pleno dia” (cf. Rm 13, 13).

Pureza e amor ao próximo estão entre si como o autocontrole e a doação aos demais. Como posso doar-me, se não me possuo, mas sou escravo das minhas paixões? Como posso doar-me aos demais, se não compreendi ainda o que me disse o Apóstolo, ou seja, que não me pertenço e que o meu próprio corpo não é meu, mas do Senhor? É uma ilusão acreditar que se pode colocar junto um autêntico serviço aos irmãos, que requer sempre sacrifício, altruísmo, esquecimento de si e generosidade, e uma vida pessoal desordenada, inteiramente voltada a gratificar a si mesmos e as próprias paixões. Terminamos, inevitavelmente, por instrumentalizar os irmãos, como se instrumentaliza o próprio corpo. Não sabe dizer “sim” aos irmãos quem não sabe dizer “não” a si mesmo.

Uma das "desculpas" que mais contribuem para favorecer o pecado de impureza, na mentalidade popular, e eliminar qualquer responsabilidade, é a indiferença do tanto faz, pois isso não faz mal a ninguém, não viola os direitos e a liberdade dos demais, a menos – se fala – que se trate de violência carnal. Mas, além do fato de que viola o direito fundamental de Deus de dar uma lei às suas criaturas, essa "desculpa" é falsa também com relação ao próximo. Não é verdade que o pecado de impureza termina com quem o comete. Há uma solidariedade entre todos os pecados. Todo pecado, onde quer que seja e por quem quer que seja cometido, contagia e polui o ambiente moral do homem; este contágio é chamado por Jesus “o escândalo” e é condenado por ele com algumas das palavras mais terríveis de todo o Evangelho (cf Mt 18, 6 ss; Mc 9, 42 ss; Lc 17, 1 s). Mesmo os maus pensamentos que estagnam no coração, de acordo com Jesus, poluem o homem e, portanto, o mundo: "Do coração vêm os propósitos maus; os homicídios, os adultérios, as prostituições... Estas são as coisas que poluem o homem"(Mt 15, 19-20).

Todo pecado produz uma erosão dos valores e todos juntos criam o que Paulo chama de "a lei do pecado" e da qual ele ilustra o terrível poder sobre todos os homens (cf. Rm 7, 14ss). No Talmud judaico se lê uma parábola que ilustra bem a solidariedade que existe no pecado e o dano que cada pecado, também o pessoal, faz aos demais: "Algumas pessoas estavam a bordo de um barco. Uma delas pegou uma broca e começou a fazer um buraco embaixo dela. Os outros passageiros, vendo, disseram-lhe: "O que você está fazendo? - Ele respondeu: O que isso importa a vocês? Eu não estou fazendo o buraco debaixo do meu assento? - Mas eles responderam: - Sim, mas a água virá e nos afogará a todos!" A própria natureza começou a nos enviar sinais sinistros de protesto contra certos modernos abusos e excessos na esfera da sexualidade.

3. Pureza e renovação

Estudando a história das origens cristãs, fica claro com clareza que foram dois os principais instrumentos com o qual a Igreja conseguiu transformar o mundo pagão da época; o primeiro foi o anúncio da Palavra, o querigma, e o segundo o testemunho de vida dos cristãos, a *martyria*; e se vê como, no âmbito do testemunho de vida, duas foram, de novo, as coisas que mais surpreenderam e converteram os pagãos: o amor fraterno e a pureza dos costumes. Já a Primeira Carta de Pedro menciona o assombro do mundo pagão em face do teor de vida tão diferente dos cristãos. Escreve:

"Baste-vos que no tempo passado tenhais vivido segundo os caprichos dos pagãos, em luxúrias, concupiscências, embriaguez, orgias, bebedeiras e criminosas idolatrias. Estranham eles agora que já não vos lanceis com eles nos mesmos desregramentos de libertinagem, e por isso vos cobrem de calúnias." (1 Pd 4, 3-4).

Os Apologistas - isto é, os escritores cristãos que escreveram em defesa da fé, nos primeiros séculos da Igreja - atestam que os padrões de vida puro e casto dos cristãos era, para os pagãos, algo de “extraordinário e inacreditável”. Em particular, teve um impacto extraordinário sobre a sociedade pagã a reestruturação da família, que as autoridades da época queriam reformar, mas que eram impotentes para conter a desintegração. Um dos argumentos que São Justino Mártir utiliza para basear a sua Apologia dirigida ao imperador Antonino Pio, é este: os imperadores romanos estão preocupados em restaurar os costumes e a família e se esforçam para emanar, para esse fim, oportunas leis, que se revelam, no entanto, insuficientes. Bem, por que não reconhecer o que conseguiram obter as leis cristãs junto àqueles que a acolheram e a ajuda que podem dar também à sociedade civil? Algumas donzelas cristãs brilhantes, mortas mártires, mostraram até onde chegava, nesse ponto, a força do cristianismo.

Não devemos pensar que a comunidade cristã estava totalmente livre de desordens e pecados em questões sexuais. São Paulo teve que repreender um caso, até mesmo, de incesto, na comunidade de Corinto. Mas esses pecados eram claramente reconhecidos como tais, denunciados e corrigidos. Não se exigia que se fosse sem pecado, nesta matéria, como no resto, mas de lutar contra o pecado.

Agora vamos dar um salto das origens cristãs para os nossos dias. Qual é a situação no mundo de hoje em relação à pureza? A mesma, se não pior, do que era naquele tempo! Nós vivemos em uma sociedade que, em termos de costumes, mergulhou em pleno paganismo e em plena idolatria do sexo. A tremenda denúncia que São Paulo faz do mundo pagão, no começo da Carta aos Romanos, se aplica, ponto a ponto, ao mundo de hoje, especialmente nas sociedades assim chamadas do bem-estar (cf. Rm 1, 26-27.32).

Também hoje, não só se fazem essas coisas e outras piores, mas também se tenta justificá-las, ou seja, justificar toda licença moral e toda perversão sexual, desde que - dizem - ela não faça violência aos outros e não prejudique a liberdade dos outros. Como se Deus não tivesse nada a ver com isso! Famílias inteiras são destruídas e dizem: o que há de errado? Não há dúvida de que certos juízos da moral sexual tradicional deviam ser revistos e que as modernas ciências do homem têm ajudado a lançar luz sobre certos mecanismos e condicionamentos da psique humana que removem ou diminuem a responsabilidade moral de certos comportamentos considerados, uma vez, pecaminosos.

Mas este progresso não tem nada a ver com o pansexualismo de certas teorias pseudo-científicas e permissivas que tendem a negar qualquer norma objetiva em questões de moral sexual, reduzindo tudo a uma questão de evolução espontânea dos costumes, ou seja, a uma questão de cultura. Se examinarmos de perto aquela que é chamada de revolução sexual dos nossos dias, percebemos, com espanto, que ela não é simplesmente uma revolução contra o passado, mas é, muitas vezes, também uma revolução contra Deus.

4. Puro de coração!

Mas eu não quero me demorar muito descrevendo a situação atual que nos circunda que, além disso, todos conhecemos bem. Muito me interessa, de fato, descobrir e transmitir o que Deus quer de nós cristãos em tal situação. Deus nos chama ao mesmo empreendimento ao qual ele chamou nossos primeiros irmãos de fé: "se opor a essa torrente de perdição". Nos chama a fazer a "beleza" da vida cristã brilhar novamente diante dos olhos do mundo. Nos chama a lutar pela pureza. Lutar com tenacidade e humildade; não necessariamente a ser, todos e imediatamente, perfeitos. Esta é uma luta tão antiga quanto a própria Igreja.

Hoje há algo novo que o Espírito Santo nos chama a fazer: ele nos chama a testemunhar ao mundo a inocência original das criaturas e das coisas. O mundo afundou muito baixo; o sexo - foi escrito - subiu na cabeça de todos. Algo muito forte é necessário para quebrar esse tipo de narcose e intoxicação sexual. É necessário despertar no homem a nostalgia da inocência e da simplicidade que ele traz em seu coração com pungência, ainda que tantas vezes coberta de lama. Não de uma inocência de criação que não há mais, mas de uma inocência de redenção que nos foi devolvida por Cristo e que nos é oferecida nos sacramentos e na palavra de Deus. São Paulo assinala este programa quando escreve aos Filipenses: " Sejam irrepreensíveis e simples, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração perversa e degenerada, na qual vocês devem brilhar como estrelas no mundo, mantendo no alto a palavra de vida "(Fp 2, 15 ss). Isto é o que o apóstolo chama, em nosso texto, "usar as armas da luz".

Não basta mais uma pureza feita de medos, de tabus, de proibições, de fuga recíproca entre o homem e a mulher, como se um fosse, sempre e necessariamente, uma armadilha para o outro e um inimigo potencial, mais que uma "ajuda". No passado, a pureza tinha sido reduzida, às vezes, pelo menos na prática, precisamente a este complexo de tabu, de proibições e de medos, como se a virtude tivesse que se envergonhar perante o vício e não, pelo contrário, o vício a ter que se envergonhar perante a virtude. Devemos desejar, graças à presença em nós do Espírito, uma pureza que seja mais forte do que o vício; uma pureza positiva, não somente negativa, que seja capaz de fazer-nos experimentar a verdade dessa palavra do Apóstolo: "Tudo é puro para os que são puros!" (Tt 1, 15) e desta outra palavra da Escritura: " Aquele que está em ti é maior do que aquele que está no mundo "(1 Jo 4, 4).

Temos de começar curando a raiz que é o "coração", porque é dali que sai tudo aquilo que polui verdadeiramente a vida de uma pessoa (cf. Mt 15, 18 ss). Jesus dizia: "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5, 8). Eles realmente verão, isto é, terão novos olhos para ver o mundo e Deus, olhos limpos que sabem ver o que é belo e o que é feio, o que é verdade e o que é mentira, o que é vida e o que é morte. Olhos, em suma, como os de Jesus. Com que liberdade Jesus podia falar de tudo: das crianças, da mulher, da gestação, do parto... Olhos como os de Maria. A pureza não consiste mais, então, em dizer “não” às criaturas, mas em dizer “sim”; sim em quanto criaturas de Deus que eram, e permanecem, “muito boas”.

Nós não nos iludimos. Para poder dizer esse "sim", devemos passar pela cruz, porque depois do pecado, nosso olhar sobre as criaturas se tornou nublado; a concupiscência foi desencadeada em nós; a sexualidade não é mais pacífica, tornou-se uma força ambígua e ameaçadora que nos atrai contra a lei de Deus, apesar de nossa própria vontade. Na primeira meditação desta Quaresma, insistimos em um aspecto particularmente atual e necessário da mortificação: a dos olhos. Um jejum saudável das imagens é mais importante hoje do que o jejum das comidas e das bebidas.

Concluo trazendo à vossa mente a experiência de Santo Agostinho recordada no início. Depois daquela experiência, o santo inventou uma oração toda sua para obter a castidade: “Senhor, disse, tu me ordenas ser casto. Pois bem, dá-me o que me ordenas e então ordena-me o que quiseres”. Uma oração que todos podemos fazê-la nossa, recordando que nisso, bem como em qualquer outro campo, sem a graça de Deus não podemos fazer nada.

(Tradução de Thácio Siqueira, [Associação Marie de Nazareth](https://www.mariedenazareth.com/br/um-minuto-com-maria/))

1. Carta a Diogneto, V, 1-8 (*Die Apostolischen Vaeter*, ed. Kunk –Bihlmeyer, Tubingen 1856, pp. 143-144, tradução Thácio Siqueira) [↑](#footnote-ref-1)
2. Cf. *Vita e Detti dei Padri del deserto*, a cura di L. Mortari, I, Roma 1986, p. 97. [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. *De fuga saeculi*, 1 (CSEL, 32, 2, p. 251). [↑](#footnote-ref-3)
4. S. Ambrogio, *Espos. del Vang. sec. Luca*, IX, 36; *De Isaac et anima*, 3, 6. (Tradução Thácio Siqueira). [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf C. Geffré, art. *Sécularisation*, in Dictionnaire de Spiritualité, 15, 1989, pp. 502 s. (Traduçã Thácio Siqueira). [↑](#footnote-ref-5)
6. S. Tommaso d’Aquino, *Summa theologiae*, I-IIae, q.113,a,4. [↑](#footnote-ref-6)
7. H. Schlier, *Demoni e spiriti maligni nel Nuovo Testamento*, in *Riflessioni sul Nuovo Testamento* Paideia, Brescia 1976, pp. 194 s. [↑](#footnote-ref-7)
8. Cf. S. Agostinho, *Sermo* 39,5 (PL 38, 242). [↑](#footnote-ref-8)
9. O lema vem de um ditado não canônico atribuído ao próprio Jesus: “Se não jejuardes do mundo, não descobrireis o reino de Deus”. Cf Clemente Al., *Stromati*, 111, 15 (GCS, 52, p. 242, 2); A. Resch, *Agrapha*, 48 (TU, 30, 1906, p. 68). [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. *Le cause dei santi.* Sussidio per lo Studium, a cura della Congregazione delle Cause dei Santi, Libreria Editrice Vaticana, 3a ed. 2014, pp. 13-81. [↑](#footnote-ref-10)
11. Archimandrita Sofronio, *Silvano del Monte Athos. La vita, la dottrina, gli scritti*, Torino 1978, pp. 255 s. [↑](#footnote-ref-11)
12. SantaTeresa d’Avila, *Castello Interiore,* VI dim., cap. 10. [↑](#footnote-ref-12)
13. *Il libro della B. Angela da Foligno*, cit., p. 737. [↑](#footnote-ref-13)
14. M. Lutero, *Commento al Magnificat,* ed. Weimar 7, p. 555 s. [↑](#footnote-ref-14)
15. *Imitazione di Cristo*, II,2. [↑](#footnote-ref-15)
16. B. Pascal, *Pensieri*, n. 150 Br. [↑](#footnote-ref-16)
17. Santo Inácio de Antioquia, *Carta a Policarpo* 4, 1. [↑](#footnote-ref-17)
18. S. Agostino, Confessioni, VIII, 11-12. [↑](#footnote-ref-18)